



Faculdade de Design,
Tecnologia e Comunicação
 Universidade Europeia

2023

**Mónica Ribeiro Sobral
Gomes**

A SERIGRAFIA COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA



Faculdade de Design,
Tecnologia e Comunicação
 Universidade Europeia

2023

**Mónica Ribeiro Sobral
Gomes**

A SERIGRAFIA COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Relatório de Estágio apresentado ao IADE - Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual, realizado sob a orientação científica de Ana Sofia Lopes da Ponte, Professora Auxiliar no IADE – Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia.

Agradecimentos

Começo por agradecer à minha família todo o apoio que me deram ao longo deste percurso académico e à professora Sofia Ponte, pela orientação do presente relatório de estágio. Agradeço também a João Prates, diretor do CPS, a oportunidade de realizar o estágio no Centro Português de Serigrafia, onde tive o privilégio de conhecer o trabalho de grandes artistas. Um especial agradecimento ao Luís, à Sara, ao Rui, à Carina, à Joana, ao Sr. Marçal e ao Pedro, mestres da serigrafia e da gravura, que me proporcionaram uma ótima experiência e me enriqueceram de conhecimento.

ÍNDICE

PALAVRAS-CHAVE.....	I
RESUMO.....	I
KEYWORDS	II
ABSTRACT.....	II
LISTA DE FIGURAS	III
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – SERIGRAFIA, UMA TÉCNICA DE IMPRESSÃO	3
1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A ORIGEM DA SERIGRAFIA	4
1.2 ASPECTOS SOBRE A SERIGRAFIA E A COMUNICAÇÃO VISUAL.....	6
CAPÍTULO 2 - SERIGRAFIA EM PORTUGAL	10
2.1 CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA	13
2.1.1 ATELIER	25
2.1.2 OUTRAS TÉCNICAS DE IMPRESSÃO	26
2.2 NOVOS IMPRESSORES	28
2.3 FEIRAS DE AUTO-EDIÇÃO	32
CAPÍTULO 3 - EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO NO CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA	36
3.1 ARTISTAS QUE INTERVÊM DIRETAMENTE EM SERIGRAFIA.....	37
3.2 CRIAÇÃO DE UMA SERIGRAFIA MANUAL	47
3.3 EXERCÍCIO EXPERIMENTAL - CRIAÇÃO DE UMA GRAVURA.....	51
3.4 EXERCÍCIO EXPERIMENTAL - MODELAÇÃO E IMPRESSÃO 3D.....	55
NOTAS CONCLUSIVAS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

palavras-chave

Serigrafia, Centro Português de Serigrafia, Experimentação, Artistas Portugueses, Obra Gráfica

resumo

O Relatório de Estágio com o título *A Serigrafia como Expressão Artística*, enquadra e descreve brevemente as atividades que realizei no âmbito de um estágio curricular que decorreu no Centro Português de Serigrafia (CPS), em Lisboa, entre outubro de 2022 e janeiro de 2023. Através de uma reflexão sobre a emancipação da serigrafia como expressão artística e de um breve enquadramento da sua origem em Portugal, destaco o papel do Centro Português de Serigrafia e também de alguns novos impressores. A serigrafia é uma técnica de impressão manual, hoje industrializada, que está muito em voga, pois permite a edição tanto de pequenas como grandes tiragens e ser adquirida a preços mais acessíveis. O Centro Português de Serigrafia tem como objetivo a reprodução da obra de artistas contemporâneos, apoiando e divulgando o seu trabalho original. Durante este estágio pude colaborar no processo técnico em alguns projetos e observar o desenvolvimento de outros, e constatei que a serigrafia é cada vez mais considerada e apreciada pelas possibilidades experimentais e plásticas que oferece.

keywords

Silkscreen, Centro Português de Serigrafia, Experimentalism, Portuguese Artists, Grafic Work

abstract

This Report with the title *Serigraphy as an Artistic Technique*, frames and briefly describes the activities that I carried out as part of a curricular internship that took place at the Centro Português de Serigrafia (CPS), in Lisbon, between October 2022 and January 2023. Through a reflection on the emancipation of serigraphy as an artistic expression and a brief contextualization of its origins in Portugal, I highlight the role of the Centro Português de Serigrafia and of some new printers. Silkscreen is a manual printing technique, now industrialized, which is currently very fashionable, as it allows both small and large print runs to be published and acquired at more accessible prices. The Centro Português de Serigrafia aims at reproducing the work of contemporary artists, supporting, and disseminating their original work. During this internship, I was able to collaborate in some projects and observe the development of others, and I noticed that silkscreen is increasingly being worked in an experimental, free, and plastic way.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Entrada da sede do CPS na Rua dos Industriais. Fotografia tirada durante o estágio.....	14
Figura 2. Interior da sede do CPS. Fotografia retirada do site oficial do CPS	24
Figura 3. Imagem da esquerda: Capa da revista Arte, edição verão 2022. Imagem da direita: Prometeu Agrilhado, 2022. Serigrafia de Francisco Vidal. Imagens retiradas do site oficial do CPS.....	15
Figura 4. Le Petit Jardin, 1985. Serigrafia de Manuel Cargaleiro. Primeira obra gráfica produzida no CPS. Imagem retirada do site oficial do CPS.	16
Figura 5. ...Somos Sempre Três..., 2005. Serigrafia de Cruzeiro Seixas	18
Figura 6. Série Os Pensamentos Não Fazem Barulho, 2013. Serigrafia de Ana Ventura.	19
Figura 7. Imagem da esquerda: Coleção Arte e o Livro, 1995. Serigrafias de Eurico Gonçalves. Imagem da direita: Coleção Arte e o Vinho, 2015. Serigrafia de Sofia Areal.	21
Figura 8. Entrada da loja do CPS no Centro Cultural de Belém. Foto retirada do site oficial do CPS.....	23
Figura 9. Imagem da esquerda: Os Lusíadas, 1994. Colaboração de vários artistas. Imagem da direita: Diário Não Diário, 2019. Álbum livro de Cruzeiro Seixas.	24
Figura 10. S/ Título, 2001. Litografia de Helena Abreu. Primeira litografia produzida no CPS.....	27
Figura11. S/ Título, 2019. Gravura e técnica mista por Humberto Marçal.....	28
Figura 12. Imagem da esquerda: Cartaz da Raia de 2017 da autoria de João Fonte Santa. Imagem da direita: Cartaz da Raia de 2023 da autoria de Ana Casimiro.....	33
Figura 13. Feira Raia no Mercado de Santa Clara, em Lisboa, em 23 de abril de 2023. Fotos de Alexandre Pomar.....	33
Figura 14. Imagem da esquerda: Cartaz da Feira da Alegria de 2019 da autoria de Vasja Lebaric. Imagem da direita: Cartaz da Feira da Alegria de 2023 da autoria de Pilar Del Rio.	35

Figura 15. Imagem da esquerda: Feira da Alegria nos Jardins da FBAUP, em 2019. Imagem da direita: Feira da Alegria nos Jardins do Palácio de Cristal, em 2022. Fotos de Feira da Alegria.....	35
Figura 16. Gracinda Candeias a pintar com as mãos sobre serigrafia no atelier do CPS, no seu projeto Série Primavera, 2015. Fotografia retirada do site oficial do CPS.	38
Figura 17. Francisco Vidal a intervir em serigrafia, no desenvolvimento do projeto para a Vodafone em 2022.....	40
Figura 18. Francisco Vidal a intervir em serigrafia, no desenvolvimento do projeto para a Vodafone em 2022.....	40
Figura 19. Projeto para a Vodafone, 2022. Fotografia tirada durante o estágio.....	41
Figura 20. Série Still Free, 2020. Imagem retirada do site oficial do CPS.....	42
Figura 21. Série Os Sonhos de Fausto, 2022. Experiência em rosa e amarelo. Imagem retirada do site do CPS.....	44
Figura 22. Série Os Sonhos de Fausto, 2022. Experiência em dois tons de azul. Imagem retirada do site do CPS.....	44
Figura 23. Pedro Calapez a intervir diretamente em serigrafia no atelier do CPS, no seu projeto Os Sonhos de Fausto, 2022. Imagem retirada do site do CPS.	46
Figura 24. Imagem da esquerda: Impressão manual do projeto pessoal de serigrafia. Imagem da direita: Máquina manual de serigrafia.	48
Figura 25. Imagem da esquerda: Primeiro tom da serigrafia impresso em lilás claro. Imagem da direita: Assinatura e numeração da serigrafia.	48
Figura 26. Serigrafia manual realizada durante o estágio.....	49
Figura 27. Pormenor da serigrafia manual.	50
Figura 28. Pormenor da serigrafia manual e assinatura.	50
Figura 29. Preparação da chapa de zinco para o exercício de gravura.	52
Figura 30. Desenho em água-forte para o exercício de gravura.	52

Figura 31. Impressão da gravura em água-tinta.	53
Figura 32. Imagem da esquerda: Experiência a água-forte. Imagem da direita: Experiência a água-tinta.	54
Figura 33. Imagem da esquerda: Caixa onde é feito o processo da resina, para a experiência de mordedura profunda. Imagem da direita: Chapa depois do processo de mordedura profunda.	54
Figura 34. Impressora Formlabs durante a impressão do donut em resina branca.	55
Figura 35. Imagem da esquerda: Donut em resina branca. Imagem da direita: Donut em resina azul.....	56

INTRODUÇÃO

A Serigrafia como Expressão Artística é o título do presente relatório relativo ao estágio curricular que realizei no Centro Português de Serigrafia (CPS), em Lisboa. O estágio decorreu no âmbito do programa de Mestrado em Design e Cultura Visual do IADE-Universidade Europeia, entre 3 de outubro de 2022 e 31 de janeiro de 2023. Este relatório tem como finalidade enquadrar e descrever brevemente as atividades e experiências adquiridas durante este período. O CPS é uma organização cultural fundada por António Prates, em 1985, que tem como objetivo a reprodução da obra de artistas contemporâneos, apoiando e divulgando o seu trabalho original. Desta forma contribui para a promoção da arte moderna e contemporânea, as quais se tornam mais compreensíveis a todos os seus apreciadores e colecionadores. O seu foco tem sido a produção rigorosa de edições limitadas de Serigrafia, Gravura, Litografia, Fotografia e Arte Digital, realçando o trabalho de vários artistas portugueses, tais como Alexandre Farto aka Vhils, Alice Jorge, Ana Romãozinho, André Letria, António Inverno, António Ramos Rosa, Artur Bual, Carlos Barroco, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Engrácia Cardoso, Eurico Gonçalves, Fernando Lanhas, Filipe Abranches, Francisco Simões, Gabriel Graça, Gracinda Candeias, Graça Morais, Helena Abreu, Humberto Marçal, Joana Villaverde, João Cutileiro, João Fazenda, João Francisco Vilhena, João Hogan, José de Guimarães, José Rodrigues, Júlio Pomar, Júlio Resende, Lima de Freitas, Leonel Moura, Luís Pinto Coelho, Luís Lemos, Malangatana, Maluda, Manuel Cargaleiro, Manuel João Vieira, Manuela Pinheiro, Maria João Worm, Mário Cesariny, Miguel Januário, Nadir Afonso, Noronha da Costa, Nuno Saraiva, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez, Siza Vieira, Sofia Areal, entre muito outros; e estrangeiros como Alex Gozblau, Allen Jones, Andrés Alcántara, Círia, Dominique Coffignier, Fabesko, Harold Cohen, Ivan Messac, Jan Voss, Jacques Monory, Juan Sebastian Carnero, Ken Rinaldo, Klaus Zylla, Luis Feito, Luis Gordillo, Matthias Contzen, Peter Klasen, Rafael Canogar, Vladimir Velickovic, entre muitos outros. O CPS contribuiu para o crescimento da obra gráfica de vários artistas, a partir das coleções que cria, desde 1990, tais como, *Arte e Poesia* (1995), *Arte e o Livro* (1996), *Arte e o Vinho* (1996), como também por edições especiais, tais como *Os Lusíadas* (1996) e *Diário Não Diário*, álbum livro de Cruzeiro Seixas (2019), entre outras.

Em Portugal, a serigrafia surge após o desenvolvimento da gravura, sendo que esta última ocorreu nos anos 1940 e 1950. Tal como a gravura, é uma técnica de impressão que se dissemina com o intuito de tornar a arte mais acessível. A partir de 1960 dá-se um maior desenvolvimento

da serigrafia, a qual ganha mais popularidade e prestígio, sendo a Pop Arte um dos movimentos artísticos que mais recorreu a esta técnica de impressão como processo criativo. A serigrafia é uma técnica de impressão manual, hoje industrializada, que está muito em voga, pois permite a edição tanto de pequenas como grandes tiragens. Existem cada vez mais oficinais artesanais e semi-industriais que produzem sobretudo obras de artistas ou de projetos artísticos mais experimentais e independentes, tais como o Homem do Saco, a Lavandaria, a Oficina do Cego, a Desisto, em Lisboa, a Oficina Arara e a Oficina Mescla no Porto. Existem também inúmeras feiras que mostram e comercializam este tipo de produção gráfica, tais como a Feira Raia – Tráfico de Edições, em Lisboa, e a Feira da Alegria, no Porto.

Durante o estágio pude colaborar em alguns projetos e observar o desenvolvimento de outros. Ao longo do primeiro mês estive focada nas várias fases do processo da serigrafia, registando e tirando fotografias do trabalho em mãos dos técnicos do CPS e a familiarizar-me com a respetiva função que cada técnico desenvolve no atelier. No atelier do CPS trabalham João Prates, diretor do CPS, e irmão de António Prates, duas desenhadoras, dois impressores e três gravadores. Na sede realiza-se o trabalho mais administrativo, de design e de marketing.

Tive o privilégio de poder observar alguns artistas, tais como Francisco Vidal (n. 1978) e Pedro Calapez (n.1953) a intervir em cada uma das suas obras serigráficas, utilizando a serigrafia de forma livre e mais plástica.

Um dos desafios que me foi proposto no CPS, foi a introdução da modelação e impressão 3D no atelier, com o propósito de inserir formas tridimensionais em serigrafia. Isto obrigou-me a iniciar-me em projeto de modelação por computador. Pude ainda realizar uma serigrafia de forma autónoma e como exercício de experimentação uma gravura em três técnicas, água-forte, água tinta e mordedura profunda.

A escolha do tema *Serigrafia como Expressão Artística* no âmbito do programa de estudos do Mestrado em Design e Cultura Visual, um curso que desenvolve uma perspetiva abrangente e multidisciplinar no que se refere ao Design e à Cultura Visual, deve-se à possibilidade de atualmente se poder enquadrar a técnica da serigrafia numa vertente mais artística e experimental. Neste sentido, destaco o processo da serigrafia não só como técnica de impressão e reprodução de arte, mas sobretudo como objeto artístico e principalmente como ferramenta útil e versátil no desenvolvimento de projetos criativos no contexto da cultura visual. O CPS contribui para este efeito, uma vez que, como organização cultural que divulga e apoia a

obra gráfica de artistas contemporâneos, explora esta técnica de impressão nas suas diversas formas e aplicações possíveis. Para além da produção de obra gráfica, o CPS motiva os artistas a intervir diretamente nas suas obras através da serigrafia, os quais têm total liberdade na forma como estudam e desenvolvem o seu trabalho no espaço do atelier.

Este relatório organiza-se em três capítulos:

Capítulo 1: *Serigrafia uma Técnica de Impressão*, onde enquadro muito brevemente esta técnica de impressão.

Capítulo 2: *Serigrafia em Portugal*, onde dou um breve conteúdo sobre a serigrafia em Portugal.

Capítulo 3: *Experiência no Estágio no Centro Português de Serigrafia*, onde apresento brevemente a organização e descrevo as atividades realizadas durante o estágio curricular.

Concluo este documento com uma breve reflexão desta experiência curricular.

CAPÍTULO 1 – SERIGRAFIA, UMA TÉCNICA DE IMPRESSÃO

O atelier do CPS dispõe de várias técnicas de impressão, tais como a Serigrafia, a Gravura, a Litografia, a Estampa Digital e a Fotografia, sendo que os artistas têm a total liberdade para explorar estas técnicas e seguir o seu pensamento artístico, de forma que a obra gráfica seja considerada original. Como já referido, a serigrafia foi a primeira técnica de impressão a ser trabalhada no CPS. A partir de 1994 é introduzida a gravura e em 2001 a litografia sobre pedra, ambas com o seu respetivo espaço no segundo piso do atelier (CPS, n.d.). Em 2003, o CPS publica os primeiros projetos em Estampa Digital, destacando o trabalho de Harorld Cohen (1928 – 2016) e Ken Rinaldo (n.1958), dois artistas americanos pioneiros da Arte Digital e Bio-Arte (Arte, 2007). Em 2005 realiza a primeira edição de Fotografia através do trabalho de Carlos Calvet (1928 - 2014), contribuindo para a expansão do universo da imagem artística (CPS, n.d.).

A serigrafia é muitas vezes equivocada como pintura, dado as suas semelhanças no que toca os pigmentos utilizados e as texturas e formas conseguidas no resultado visual. O seu processo consiste na impressão de uma imagem através de uma tela fina sobre diferentes suportes com qualidades, dimensões e formas variadas, trabalhando com diversos tipos de tintas e materiais, desde papel, madeira, tecido, plástico, metal, vidro e cerâmica. Consoante o propósito de cada projeto, é uma técnica que permite a edição de pequenas e grandes tiragens, sem limites quanto à quantidade de provas (Pestana da Silva, 2013). Originalmente a tela dos quadros de serigrafia era feita de seda, sendo que nos dias de hoje é utilizada uma rede de poliéster, esticada numa moldura de forma retangular. Cada um dos vários tons da obra é separado e transformado numa imagem correspondente, desenhada a preto em grande contraste, numa película transparente sobre uma mesa de luz. Esta imagem é gravada no quadro através da reação de um produto impermeável, sensível à luz ultravioleta, utilizado para bloquear todas as partes da película que não são para imprimir. Após uns minutos exposto à luz, o quadro é de seguida passado por um jato de água, deixando apenas em aberto as zonas que estavam protegidas pela cor preta. Cada tom é impresso separadamente numa máquina de impressão serigráfica, que através da pressão exercida por um rodo, permite a passagem da tinta para o papel nas zonas não bloqueadas (Prates, J. 2001). Inicialmente eram utilizadas máquinas manuais, no entanto, conservando o carácter artesanal da serigrafia, as máquinas atuais são todas industriais, facilitando o trabalho dos técnicos e acelerando o processo de impressão (Galeria de Arte, 1994). Se a obra original tiver muitos tons, tendo em conta que há edições do CPS que podem chegar a ter mais de 100 tons, uma serigrafia pode demorar

vários meses a produzir. A cor é aplicada manualmente, cuidadosamente comparada ao tom original, sendo muito importante que as imagens correspondentes a cada tom sejam devidamente alinhadas ou acertadas no momento da impressão, para evitar erros que possam danificar a edição (Prates, J. 2001).

Acompanhando as várias linguagens de cada artista, a serigrafia é a técnica que melhor se adapta aos conceitos e formas que resultam destas expressões criativas. Imagens mais gráficas, com superfícies e manchas homogêneas de cor, são facilmente produzidas, dado a sua forma linear. A técnica da aguarela é das mais complexas para reproduzir em serigrafia, devido aos vários tons adquiridos pelas nuances típicas do pigmento aguado. É possível também reproduzir a forma original de objetos diretamente gravados no quadro, proporcionando uma imagem muito próxima do real (Prates, J. 2001). Na serigrafia, tem-se acesso aos exemplares físicos de cada um dos tons impressos, considerados como provas ou fases do processo de criação da obra gráfica final, marcando só por si momentos de expressão artística. Dado o constante desenvolvimento dos seus materiais e máquinas de impressão, que também marcam o seu carácter atual e contemporâneo, a serigrafia hoje é considerada não só como uma técnica de impressão, mas como um processo artístico e uma nova forma de fazer arte (Marques da Gama Vieira, 2016).

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A ORIGEM DA SERIGRAFIA

A serigrafia tem origem no Extremo Oriente, como técnica de impressão utilizada em tecidos produzidos no Japão e na China. Chegou ao mundo Ocidental nos finais do séc. XIX, tendo muita aderência nos EUA, no entanto só a partir de meados dos anos 1950 é apropriada por artistas contemporâneos como forma de expressão (Prates, J. 2001). Em Portugal, a serigrafia surge após o desenvolvimento da gravura nos anos 1940 e 1950, a qual se expande com a criação da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses em 1956. As técnicas de impressão são desenvolvidas com o intuito de tornar a arte mais acessível e levar uma mensagem de carácter político e social ao público em geral. Numa perspetiva neorrealista, a gravura e a serigrafia eram utilizadas como meio de expressão contra o regime de António Oliveira Salazar durante o estado novo. Dada a sua versatilidade de cores e formas possíveis de criar, a serigrafia adquire um carácter mais plástico e experimental a partir dos anos 1960 e 1970, sendo uma técnica muito popular entre os artistas da época, pois contribuiu para o desenvolvimento das novas práticas artísticas e pensamento estético (Marques da Gama Vieira, 2016).

Como já referido, a serigrafia tem a sua origem no Extremo Oriente, sendo que as primeiras matrizes foram produzidas no Japão. Inicialmente as suas redes eram criadas através de fios de cabelo, mais tarde adaptadas para telas com trama de seda, a qual passou a ser utilizada como principal material para a elaboração destas matrizes (Trindade, 2016). Os japoneses transformaram a prática do *stencil* numa forma de arte, desenvolvendo a técnica *katazome* que influenciou evolução do artesanato têxtil. Foi a partir desta técnica e da sua trama de fios, que surgiu o *stencil* aplicado em tecido de seda esticado sobre uma armação de madeira, dando origem ao quadro serigráfico (Pestana da Silva, 2013). Foram as telas de seda que designaram a técnica como *silk screening* ou *silkscreen printing*. O nome serigrafia provém exatamente da junção das palavras *sericum*, que em latim significa seda, e *graphen* que em grego significa desenhar, escrever ou gravar. Ao longo do séc. XX, a serigrafia evolui bastante a nível tecnológico, mantendo a sua importância e sendo muito requisitada, pois permanece uma das técnicas de impressão mais eficientes e acessíveis comparada com outras técnicas mais avançadas. Dada a sua grande capacidade de adaptação, a serigrafia é das técnicas com maior diversidade de suportes para impressão, entre eles a madeira, a cerâmica, o tecido, o metal, o plástico e o acrílico, sendo que o resultado difere consoante a textura encontrada na superfície. Esta particularidade é das que mais atrai os artistas plásticos, numa vertente mais experimental, em que o próprio processo da impressão é considerado também conteúdo da obra de arte e não apenas o produto final (Trindade, 2016).

No que toca os avanços tecnológicos da serigrafia na América e na Europa, Samuel Simon foi o responsável pelo início do processo serigráfico industrial em 1907. John Pilsworth foi o criador do método *selectasine*, o qual possibilitou a impressão multicolor através da mesma tela, bloqueando as áreas correspondentes a cada cor no decorrer da impressão. A *selectasine* acelerou o processo da serigrafia manual em projetos com mais do que uma cor, sendo muito usada por vários artistas nas suas obras e experiências. Nos anos 1960, Andy Warhol (1928 – 1987) foi dos artistas que mais utilizou este método na impressão dos seus trabalhos de Pop Arte. Guido Lengwiler foi também um dos nomes mais importantes para o desenvolvimento da serigrafia. No seu livro *A History of Screenprinting* (2013), o autor explica os pontos mais relevantes na história da evolução da serigrafia a nível técnico, desde o início do séc. XX até à II Guerra Mundial. Lengwiler contribuiu para o desenvolvimento das tintas industriais utilizadas na impressão serigráfica no início da sua produção industrial, assim como introduziu as fibras sintéticas na

construção das matrizes. Nos dias de hoje, o poliéster é o material mais utilizado na construção destas matrizes, sendo igualmente resistente e muito mais acessível em comparação com a seda. Para além de contribuir para o desenvolvimento da técnica no contexto industrial, é interessante compreender que o autor apresenta a serigrafia mais como um meio artístico, salientando o seu carácter plástico e experimental (Trindade, 2016).

1.2 ASPECTOS SOBRE A SERIGRAFIA E A COMUNICAÇÃO VISUAL

A evolução tecnológica permitiu ao ser humano criar diferentes técnicas que se adaptaram a cada período da história, sendo que as técnicas de impressão são dos meios de comunicação visual mais populares até ao princípio da era digital. Os materiais utilizados na produção de uma imagem foram diferindo ao longo do tempo, partindo de recursos da natureza utilizados para criar os vários pigmentos de tinta, levando à expressão artística e gráfica. Com as novas tecnologias, o aumento da produção revolucionou a impressão não só a nível mecânico, mas também no desenvolvimento técnico e cromático, no sentido de melhorar a comunicação visual. A serigrafia, como técnica de impressão, é inserida no meio artístico e destaca-se pela diversidade de materiais, suportes e também outras técnicas com que pode ser trabalhada. O aparecimento da fotografia teve grande impacto, uma vez que influenciou a forma como as imagens são produzidas e compreendidas. A introdução da fotografia nas telas dos quadros serigráficos foi dos principais avanços no que toca a evolução do processo de gravação da imagem na impressão da serigrafia. Sendo uma das técnicas mais fáceis de conjugar com outros processos criativos, as mensagens são transmitidas de formas versáteis e inovadoras a um público diversificado, trazendo também novas abordagens aos movimentos artísticos contemporâneos (Pestana da Silva, 2013).

Para acompanhar a evolução tecnológica, que contribuiu para o desenvolvimento da sociedade a nível cultural, social e económico, as artes gráficas tiveram de se adaptar às tecnologias digitais, existindo uma desvalorização das técnicas tradicionais de impressão, no que toca o crescimento da produção gráfica. Dentro destas técnicas tradicionais, a serigrafia é a mais utilizada nos dias de hoje, tanto no meio industrial como no meio artístico. O progresso da serigrafia também acompanhou as novas tecnologias ao longo do tempo, sendo que a sua relação, principalmente na produção de imagem, contribuiu para uma maior diversidade no processo criativo aplicado ao design e às artes plásticas. Dado a variedade de qualidades que a serigrafia dispõe, nomeadamente nos tipos de suporte e na impressão em várias dimensões, esta técnica, nas suas inúmeras aplicações

possíveis, tornou-se numa ferramenta versátil e útil na procura de soluções para qualquer projeto criativo (Pestana da Silva, 2013).

No contexto da comunicação visual, na qual o design e as artes plásticas se inserem, é importante conseguir cativar a atenção do observador. Esta vive de uma combinação entre o discurso e a imagem, seguindo uma estética que se relaciona com o público, tanto a nível intelectual como emocional. Na ânsia de acompanhar a diversidade visual que caracteriza a realidade moderna, existe cada vez mais um desinteresse pelo vulgar e uma procura pela originalidade. O impacto que a comunicação visual cria no público deriva desta originalidade e diferença, que é obtida não só pela forma de como as ideias são transmitidas, mas também através da construção do seu processo criativo. No caminho deste processo é essencial abordar diferentes perspetivas e adquirir o conhecimento de diversas ferramentas, meios e técnicas, de forma a tornar o resultado mais rico e apelativo. A serigrafia atua como uma destas ferramentas, que se adapta tanto ao universo do design como ao meio artístico, dado o seu carácter único e a sua versatilidade (Pestana da Silva, 2013).

Para compreender o universo da comunicação visual no contexto da serigrafia, é interessante perceber a relação entre o design e as artes plásticas, assim como as suas diferenças. O desenvolvimento da arte está em constante mudança, acompanhando o momento histórico em que se insere e relaciona, sendo difícil atribuir-lhe uma definição concreta. Da mesma forma, o design não tem uma definição precisa, no entanto, ao contrário da arte, é um conceito caracterizado pela resolução de um problema, sendo que resulta da união entre o processo artístico e o objetivo de desempenhar uma determinada função. A arte e o design diferem precisamente na forma como atuam na sociedade, tendo posições distintas principalmente no que toca a relação com o público. O design é pensado consoante um propósito específico, em que os projetos aplicados são concebidos para transmitir uma mensagem objetiva através de uma linguagem que seja perceptível pelo público. Sendo que este propósito é muitas vezes comercial, isto não compromete o lado criativo, uma vez que a originalidade é indispensável para cativar e persuadir as pessoas. Em contrapartida, a arte é um conceito que manifesta puramente a ideia do artista. A forma criada e a mensagem transmitida ou subentendida, sendo muitas vezes de carácter social, moral ou político, é independente do entendimento do observador. Em resumo, a arte não é feita para as pessoas, mas sim para um deleito próprio, sendo uma expressão criativa do pensamento ou das sensações do artista através da sua linguagem pessoal (Pestana da Silva, 2013).

Tanto a arte como o design necessitam de um público para existir. A arte, mesmo não tendo um propósito comercial, também depende das pessoas, dado que é a experiência do observador que lhe atribuiu sentido e a sua aderência que assegura a sobrevivência do artista. É destacada pela sua importância cultural, ao contrário do design que está mais ligado ao contexto comercial, no entanto há muitos projetos de design que são considerados objetos de arte, adquirindo também uma relevância cultural. Apesar das suas diferenças, a arte e o design são conceitos que, na criação de uma ideia, utilizam técnicas, materiais, meios de produção e exposição muito semelhantes ou mesmo idênticos, muitas vezes partilham as mesmas bases de construção e podem até seguir a mesma estética. É neste equilíbrio entre os dois conceitos que a serigrafia atua como uma ferramenta criativa. A técnica é principalmente utilizada na reprodução de obras de arte, mas dado o seu carácter livre e versátil também é muito aplicada nas artes plásticas como meio de expressão. No que toca o design, só alguns projetos específicos é que recorrem à serigrafia como processo criativo, no entanto a técnica pode ser aplicada na impressão de posters, cartazes, *mupis* e *outdoors* ou mesmo no design de livros e revistas (Pestana da Silva, 2013).

A reprodução em massa levou a uma produção elevada de objetos, o que mudou a forma como estes são observados e experienciados. Tendo como base a teoria de Walter Benjamin sobre a “aura” de um objeto, conceito que consiste na noção de autenticidade que se sente na presença da obra de arte, o design vive esta realidade em que a multiplicidade dos produtos leva a que eles percam o seu carácter único. Esta ideia pode ser também aplicada às imagens, visto que na era digital estas são criadas com mais facilidade e existe uma maior propagação da informação. Partindo da noção do valor de exposição, em que a arte é separada do seu lugar de culto para ser representada e chegar mais facilmente ao público, a serigrafia é uma das técnicas mais usadas na reprodução de obras de arte, sendo muitas vezes desconsiderada e julgada como uma arte inferior (Pestana da Silva, 2013).

O tema sobre a originalidade da serigrafia artística levantou várias questões ao longo dos anos. O seu desenvolvimento tecnológico levou a uma maior produção, o que por um lado aumentou o mercado da arte, mas por outro desvalorizou o carácter único da obra, levando a uma desconsideração relativamente à sua autenticidade. As pessoas duvidavam se as serigrafias podiam ser consideradas como obras originais ou apenas cópias, uma vez que a maior parte delas são reproduzidas por técnicos e não pelos próprios artistas, sendo muitas vezes difícil de distinguir uma reprodução, neste caso uma serigrafia, de uma cópia de uma pintura. Durante um período, a

impressão só era considerada original se fosse totalmente produzida pelo próprio artista, no entanto existem muitos ilustradores e artistas plásticos que não se interessam pelo procedimento da serigrafia, estando mais focados nas questões conceituais e de composição da obra, dando apenas orientações aos técnicos sobre estas especificações (Mink, 2016).

No início dos anos 1960 dá-se o maior desenvolvimento da serigrafia, a qual ganha mais popularidade e prestígio, influenciando muito as vanguardas artísticas. A Pop Arte é dos movimentos que mais recorreu a esta técnica de impressão como processo criativo, levando também a serigrafia para a cultura popular fora do âmbito artístico (Pestana da Silva, 2013). Os EUA foram o grande berço da Pop Arte, onde se deu o maior desenvolvimento da produção em massa e crescimento económico. A serigrafia adaptou-se facilmente às características visuais e conceituais deste movimento artístico, o qual utiliza cores vivas e contrastantes, formas bem recortadas e muito movimento, que muitas vezes cria ilusões de ótica (Mink, 2016). Andy Warhol é o principal artista que marcou a Pop Arte, tendo usufruído da serigrafia como base para muitas das suas ideias e projetos. O artista utilizava grandes telas serigráficas para reproduzir imagens alusivas à vida urbana e ao consumo em massa, através de formas e símbolos que caracterizavam era contemporânea (Pestana da Silva, 2013).

CAPÍTULO 2 - SERIGRAFIA EM PORTUGAL

O desenvolvimento da gravura teve grande impacto na produção artística em Portugal durante o séc. XX. Em 1956, foi criada a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, com a colaboração de artistas como Júlio Pomar (1926 – 2018), Alice Jorge (1924 – 2008) e Cipriano Dourado (1921 – 1981) que introduziram novas ideologias na área da gravura e da serigrafia, como alternativas para a criação de uma imagem e composição plástica. É interessante destacar que a informação existente relativa a este tópico, provém quase toda da experiência dos próprios artistas, na patilha dos conhecimentos obtidos na realização das suas obras, com foco na relação do tempo e do espaço com estas práticas artísticas e também na relação entre a obra e o espectador. Em Portugal, a gravura começou a ser explorada a partir dos anos 1940, como ponto de partida para a origem da serigrafia, sendo que foi em meados dos anos 1970 que esta técnica de impressão se tornou tão popular entre os artistas da época. A fotografia foi também muito utilizada em conjunto com a serigrafia na criação plástica e visual (Marques da Gama Vieira, 2016).

A Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses surgiu em julho de 1956 na Avenida Vasco da Gama, onde foi editada a primeira edição de gravura do artista Jorge Barradas (1894 – 1971). Ao ser caracterizada como uma cooperativa, o estado não tinha tanta liberdade para intervir, sendo mais fácil evitar a censura aplicada pelo regime salazarista. A oficina estava preparada para a utilização das várias técnicas de gravura, tendo como impressores Humberto Marçal (n.1933), João Paiva e Manuel Pereira. Marçal foi o único que continuou com a sua função até aos dias de hoje, sendo atualmente o coordenador do atelier de gravura no Centro Português de Serigrafia. Mais tarde, a SCGP foi transferida permanentemente para a Travessa do Sequeiro, sendo que já não se encontra em funcionamento nos dias de hoje (Marques da Gama Vieira, 2016).

No início dos anos 1950, Portugal sofreu várias mudanças a nível social, económico e cultural face ao regime de António de Oliveira Salazar, o qual perdurou após o impacto gerado pelo fim da II Guerra Mundial. O grupo de artistas que se reuniu no âmbito da Cooperativa de Gravadores Portugueses, utilizava a arte e obra gráfica como meio para expressar os ideais que os moviam e definiam a sua posição contra o regime político da altura. Em 1958, dá-se a segunda crise do Estado Novo e com isto nascem iniciativas para uma reforma interna e externa. No que toca as artes plásticas, também influenciadas por estas transformações culturais, foram criadas galerias que apoiavam os novos pensamentos e debatidas ideias importantes sobre a arte figurativa e abstrata. Só mais tarde, no final dos anos 1960, é que a gravura e a serigrafia começam a ser

exploradas nas suas variadas vertentes e aplicadas de forma mais livre e plástica (Marques da Gama Vieira, 2016).

A partir dos anos 1970, no seguimento da evolução da gravura na SCGP, surge a serigrafia, utilizada também pelos artistas João Hogan (1914 – 1988), Vítor Pomar (n.1949), Artur Rosa (1926 – 2020), Julião Sarmento (1948 – 2021), Alice Jorge, entre outros. João Hogan foi um dos artistas que impulsionou uma visão mais criativa e plástica das técnicas de impressão, neste caso a serigrafia, a qual se tornou um meio artístico muito utilizado juntamente com outras formas de expressão ligadas à imagem e composição, nomeadamente a fotografia. Outro espaço que influenciou o desenvolvimento da serigrafia em Portugal foi o atelier de António Inverno (1944 – 2016), criado em 1972, o qual teve a colaboração de vários artistas também associados à Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses. António Inverno teve a sua formação como Gravador Litográfico na escola artística António Arroio, mais tarde especializado em serigrafia, sendo que o seu atelier contribuiu, tal como a SCGP, para o contacto mais acessível entre o público e a obra de arte. O atelier recebia visitas não só de artistas plásticos, mas também de professores, galeristas, editores e pessoas ligadas ao teatro, direcionando a serigrafia também para a impressão de cartazes e publicidade. António Inverno, como gravador e impressor, trabalhava diretamente com os artistas, numa partilha de ideias, técnicas e características plásticas, apoiando também o conceito da serigrafia como uma técnica artística e não apenas como uma técnica de reprodução. No seguimento de todos estes progressos ligados às técnicas de impressão, o atelier passa a intitular-se de Centro de Serigrafia de António Inverno (Marques da Gama Vieira, 2016).

Dado o maior interesse por partes dos artistas pela serigrafia, começaram a nascer mais ateliers e espaços preparados para a utilização desta técnica de impressão. Em 1979, fundada por dez artistas, entre eles Helena Almeida (1934 – 2018) e Ernesto de Sousa (1921 – 1988), surge em Lisboa a Cooperativa Diferença, que para além de possuir o atelier de gravura, serigrafia, litografia e fotografia, também organizava concursos de arte e exposições frequentes. Como já foi referido no capítulo anterior, é também inaugurado em 1985 o Centro Português de Serigrafia, fundado por António Prates. Em comparação com as cooperativas e ateliers que introduziram a serigrafia em Portugal, o CPS funciona num regime de associados, em que os seus sócios têm acesso privilegiado à obra gráfica de artistas contemporâneos. Os artistas podem trabalhar diretamente no atelier de serigrafia, gravura e litografia, tendo total liberdade para utilizar estas técnicas de impressão de forma mais plástica e criativa, de acordo com o conceito da obra em questão. A serigrafia é a

técnica que melhor proporciona esta peculiaridade, dado a sua expressividade e variedade de cores (Marques da Gama Vieira, 2016).

Durante os anos 1970, a produção artística a nível nacional foi caracterizada por certas situações e ideias influenciadas pelo regime político, desta vez marcado pela rutura democrática do 25 de abril de 1974. Dada a revolução e a maior liberdade de expressão que acompanha todo este período, os artistas têm cada vez mais confiança no seu trabalho, definido por conceitos diferentes e revolucionários, sendo apoiados por galeristas e críticos também com novas ideologias. Em 1977, na Galeria Nacional de Arte Moderna em Belém, dá-se a exposição Alternativa Zero: Tendências Polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea, com objetivo de revelar os progressos relativos à diversidade plástica no meio artístico, os quais trouxeram também maior reflexão sobre o conceito de arte. Uma postura mais experimental veio vincar o novo pensamento estético e a desmaterialização do objeto nos anos 1960 e 1970, levando ao aparecimento de conceitos como a arte minimal, arte conceptual, arte povera, *earth art*, *land art*, entre outros. Os artistas manifestavam maior interesse pela mistura de técnicas, materiais e ideias, recusando a separação entre a pintura, escultura, fotografia e artes gráficas. A união destes vários campos artísticos está ligada ao conceito de *arte-vida* e ao processo de experimentação pelo qual a arte passava na altura, em que o foco está na própria ação de criar algo e não apenas no objeto final, o qual é desenvolvido numa relação com o ambiente envolvente (Marques da Gama Vieira, 2016).

A gravura e a serigrafia acompanharam este percurso da arte em constante transformação, numa fusão entre as qualidades da reprodutibilidade e a sua liberdade plástica. O desenvolvimento da Pop Arte em Nova Iorque, inspirada pela estética da cultura urbana, serviu-se muito da serigrafia como processo artístico e expressivo, sendo muitas vezes combinada com outras técnicas, principalmente com a fotografia, através da qual é possível gravar a imagem da película fotográfica diretamente na seda ou na rede dos quadros serigráficos. A partir da segunda metade do séc. XX, a fotografia foi muito utilizada de forma experimental, de onde nasce o seu carácter contemporâneo com influências do conceito de ready-made já explorado por Marcel Duchamp (1887 – 1968). Tanto artistas portugueses como internacionais se interessavam pela liberdade criativa e possibilidades visuais conseguidas através da serigrafia e pela facilidade de reprodução, que levou a um maior contacto entre o público e a obra de arte. Em Portugal, todas as técnicas de impressão serviram como base para o processo experimental que caracterizava a desconstrução do objeto de arte, o qual se adaptava às mudanças sociais, políticas e culturais que existiam no país. Durante os

anos 1970, João Hogan foi dos artistas portugueses mais importantes no contexto da serigrafia, tendo criado uma oficina de serigrafia em conjunto com Júlio Pomar, o qual também explorou muito esta técnica (Marques da Gama Vieira, 2016).

Para além das questões políticas e sociais pelas quais o país atravessava, que levaram os artistas a expressarem os seus ideais através da serigrafia e outras técnicas de impressão no contexto artístico, a construção de um novo pensamento estético teve também muita influência internacional. O interesse por parte de muitos destes artistas por outras culturas e também pelas suas experiências e formação noutros países, trouxe uma nova visão do que é a arte para Portugal (Trindade, 2016). Uma das principais razões para existir uma necessidade por parte dos artistas portugueses em procurar outras experiências fora do país, foi o desinteresse do público e falta de cultura visual, face às novas expressões artísticas que surgiam na arte contemporânea na segunda metade do séc. XX. Também existia um descontentamento com o ensino académico em Portugal, o qual não acompanhava estes progressos que já aconteciam no resto do mundo e na europa. Dado estes problemas, os artistas procuravam outros caminhos fora do país para se conectarem com os novos pensamentos, adquirirem enriquecimento cultural e conseguirem desenvolver o seu trabalho de forma mais livre (Mink, 2016).

2.1 CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA

O Centro Português de Serigrafia (CPS) é uma organização cultural que tem como objetivo a reprodução da obra gravada de artistas contemporâneos, apoiando e divulgando o seu trabalho original, de forma a promover o contacto com a arte e torná-la mais acessível a todos os seus apreciadores e colecionadores (Galeria de Arte, 1994). O seu foco principal é a produção autêntica e rigorosa de edições limitadas de Serigrafia, Gravura, Litografia, Fotografia e Arte Digital, realçando o trabalho de vários artistas de carácter nacional e internacional (CPS, n.d.). Os sócios do CPS têm alguns privilégios e acesso exclusivo a um grande conjunto destes projetos designados como Obra Gráfica (Prates, J. 2001), sendo que as suas coleções pessoais são um reflexo da cultura contemporânea. Após a inscrição, todos os sócios recebem uma serigrafia à escolha e, mediante o pagamento mensal, têm também direito a uma serigrafia por quadrimestre. Através do site e da revista periódica *Arte*, todos os sócios podem informar-se sobre quais as obras disponíveis, sendo que beneficiam de um desconto de 30% em todas as edições produzidas no CPS (Galeria de Arte,

1994). Para a venda da obra gráfica realizada no atelier, o CPS dispõe ainda da loja virtual no seu site oficial e da loja física no Centro Cultural de Belém (CCB), inaugurada em 2008 (CPS, n.d.). Destinada a vender as serigrafias, gravuras e litografias desenvolvidas no CPS, a loja contribui para a aproximação do público ao mundo da arte e ao próprio CCB (Arte, 2008).



Figura 1. Entrada da sede do CPS na Rua dos Industriais. Fotografia tirada durante o estágio.

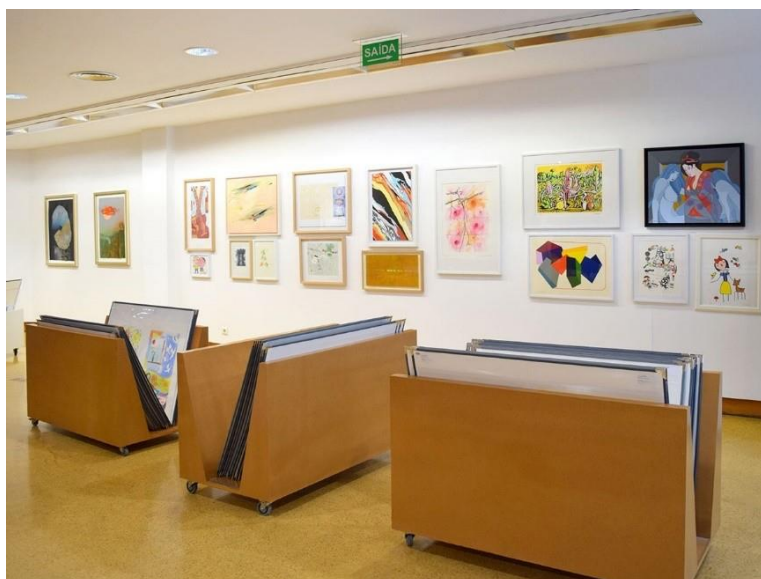


Figura 2. Interior da sede do CPS. Fotografia retirada do site oficial do CPS.

António Prates foi quem fundou o Centro Português de Serigrafia em 1985, sendo também o criador da Galeria António Prates e da Galeria de Arte de São Bento. Segundo o *site* online do CPS, António Prates nasceu em 1946 em Vale de Açor, Ponto de Sor, sendo hoje conhecido pela sua atividade como galerista, empresário e escritor (CPS, n.d.). Desde 1984 que contribui para a divulgação do mercado da arte, reunindo um conjunto de obras de arte originais destinadas à sua entidade, assim como todos os projetos realizados no CPS. António Prates é também o diretor da revista *Arte*, com a primeira data de publicação, em 1994, inicialmente sob o nome de *Galeria de Arte*, destinada aos sócios do CPS e a apreciadores e colecionadores de arte. A atual revista *Arte* tem uma periodicidade semestral e pode ser consultada em papel ou através da versão online, https://issuu.com/cpsart/docs/revista_arte_ver_o_2022_low_. O seu número mais recente é a edição de verão 2022, publicado a 24 de junho de 2022, onde existe um especial destaque do trabalho de Francisco Vidal, o qual é representado na capa da revista com a sua serigrafia *Prometeu Agrilhado* (CPS, n.d.).

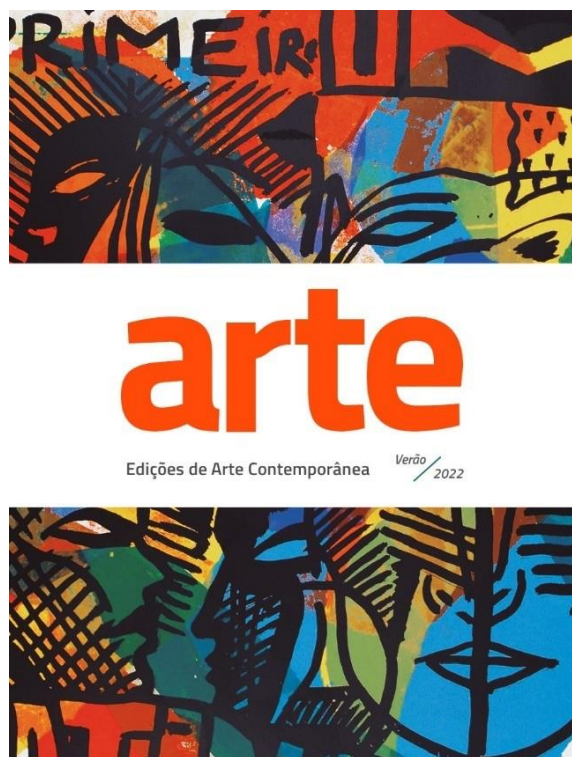


Figura 3. Imagem da esquerda: Capa da revista *Arte*, edição verão 2022. Imagem da direita: *Prometeu Agrilhado*, 2022. Serigrafia de Francisco Vidal. Imagens retiradas do site oficial do CPS.

Com a inauguração do CPS em 1985, António Prates convida o artista Manuel Cargaleiro (n.1927) para ser o autor do primeiro projeto e primeira serigrafia a ser produzida, sendo que a serigrafia foi a primeira técnica de impressão a ser trabalhada no atelier. A obra tem como título *Le Petit Jardin* e as suas dimensões são de 70 x 50 cm (ver figura 1). João Prates, irmão de António Prates, nasceu em 1961 também em Vale de Açor, sendo mais tarde nomeado como Diretor do CPS e atual responsável pelo desenvolvimento e organização do trabalho realizado no atelier. Esta oportunidade permitiu-lhe explorar a produção da obra gráfica na sua forma tradicional e também num sentido mais experimental, com especial foco na serigrafia (CPS, n.d.).

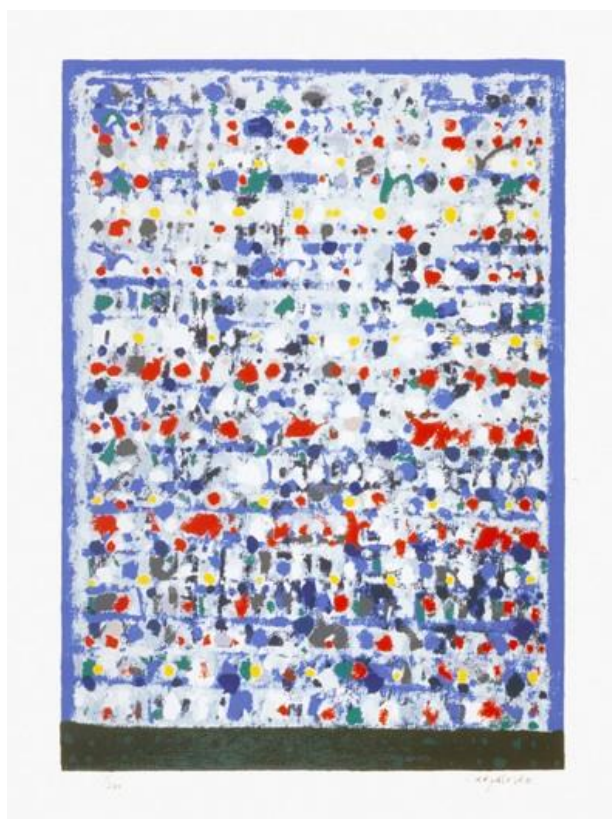


Figura 4. *Le Petit Jardin*, 1985. Serigrafia de Manuel Cargaleiro. Primeira obra gráfica produzida no CPS. Imagem retirada do site oficial do CPS.

Contribuindo para o crescimento do universo da obra gráfica, durante os anos 90 o CPS criou várias coleções tais como *Arte e o Livro*, *Arte e o Vinho* e *Arte e Poesia*. A coleção *Arte e o Livro* é lançada em 1996 e inaugurada pelas obras do poeta e pintor surrealista, Eurico Gonçalves (n.1932), com o livro *Narrativas de Sonhos e Textos Automáticos* publicado em 1995 e todo

produzido em serigrafia, o qual expõe algumas experiências do artista através de textos e obras dentro da estética surrealista (ver figura 2). Para além das obras integradas no livro, este também traz uma serigrafia extra numerada e devidamente assinada (Galeria de Arte, 1996). Sofia Areal (n.1960) é uma das artistas que representa a coleção *Arte e o Vinho* ainda na atualidade, com o conjunto de uma serigrafia assinada e numerada pela artista e uma garrafa de vinho tinto Redoma *Niepoort* de 2015, escolhido de uma seleção de vinhos de 12 regiões diferentes em Portugal (ver figura 3) (CPS, n.d.). A coleção *Arte e Poesia* estabelece uma ligação entre as artes plásticas e a literatura através do conjunto de serigrafias e poemas de autores conhecidos, reunidos em álbuns pormenorizadamente trabalhados. A primeira edição desta coleção foi representada por Carlos Barroco (n.1946) em 1995, com três serigrafias do artista e três poemas em manuscrito também de sua autoria, em que as obras estabelecem uma relação com cada um dos três textos (Galeria de Arte, 1996). Também no contexto de apoiar a relação entre as artes plásticas e a literatura, um dos maiores projetos de obra gráfica realizado pelo CPS foi a edição especial de *Os Lusíadas*, lançada em 1996 (ver figura 4). A obra consiste num livro todo impresso em serigrafia, ilustrado por catorze artistas plásticos portugueses contemporâneos, entre eles Álvaro Siza Vieira (n.1933), Artur Bual (1926 – 1999), Cargaleiro, Eurico Gonçalves, Fernando Lenhas (1923 – 2012), João Cutileiro (1937 – 2021), João Vieira (1934 – 2009), José Rodrigues (1936 – 2016), Júlio Resende (1917 – 2011), Lima de Freitas (1927 – 1998), Luís Pinto Coelho (1942 – 2001), Maluda (1934 – 1999) e Mário Cesariny (1923 – 2006). O livro resulta de um trabalho de alta qualidade e carácter luxuoso, desde o texto poético cuidadosamente retocado, aos pormenores da encadernação e acabamentos (Galeria de Arte, 1995). Dentro das edições especiais produzidas pelo CPS neste período, é interessante ainda destacar a edição *4 Tigres* de Júlio Pomar e a edição especial Natal com o título *A Transparência do Corpo* de Gracinda Candeias (n.1947), integrada na sua exposição *Missão Macau*, ambas publicadas na revista *Galeria de Arte* em 1994 (Galeria de Arte, 1994).



Figura 5. ...Somos Sempre Três..., 2005. Serigrafia de Cruzeiro Seixas.

Já nos anos 2000, foram também criadas algumas edições especiais, tais como o álbum *Fado* de Francisco Simões (n.1946), o livro *Vogal Viva* de António Ramos Rosa (1924 – 2013) e o álbum *Oito Canções de Outono – Sequência em Contraponto* de Vasco Graça Moura (1942 – 2014) (CPS, n.d.). Recentemente, o CPS teve algumas colaborações que se destacaram pela originalidade e marcaram os últimos anos de produção. É o caso da série *Cor*, a qual celebra os 35 anos da escola artística Ar.Co e os 15 anos da Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea de Almada. Nesta coleção foram reunidos quinze ilustradores reconhecidos pelo seu trabalho desde os anos 90, numa edição de quinze serigrafias, cada uma correspondente a um dos artistas que representa uma cor diferente. Os participantes nesta série foram Alex Gozblau (n.1971), André Carrilho (n.1974), André Letria (n.1973), Bernardo Carvalho (n.1973), Daniel Lima (n.1971), Filipe Abranches (n.1975), João Fazenda (n.1979), Maria João Worm (n.1966), Manuel Rocha (n.1968), Nuno Saraiva (n.1969), Pedro Burgos (n.1968), Susa Monteiro (n.1979), Tiago Albuquerque (n.1982) e Tiago Manuel (n.1955) (Arte, 2008). Também para comemorar os 20 anos da Mostra - Festival de Animação de Lisboa, foi apresentado o projeto *Freeze Frame*, que consiste num álbum composto por imagens criadas pelos realizadores dos vinte países que participaram no evento (Arte, 2022).

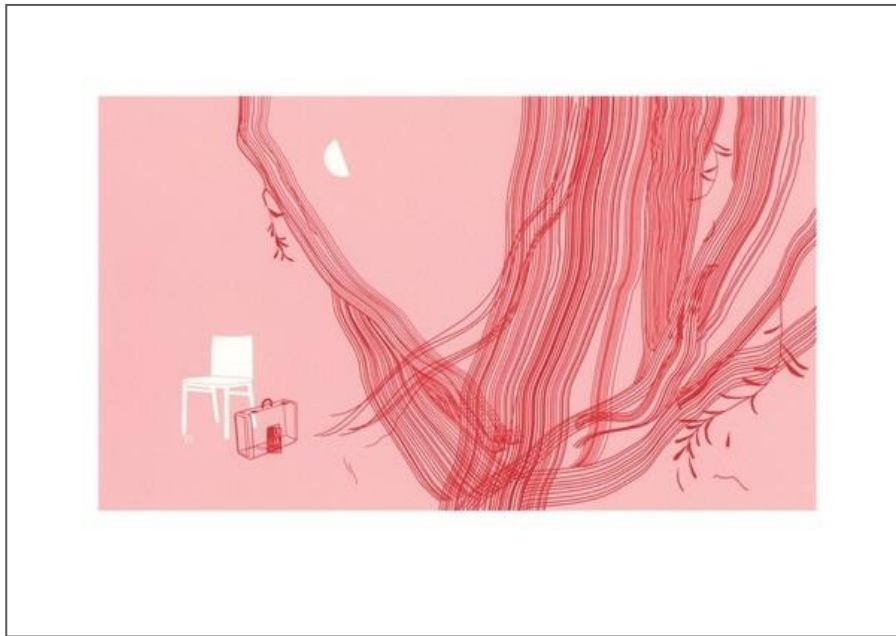


Figura 6. *Série Os Pensamentos Não Fazem Barulho*, 2013. Serigrafia de Ana Ventura.

O CPS realizou ainda uma parceria com o projeto *Manicómio*, um espaço criado para artistas com doença mental, que explora o conceito de Arte Bruta ou *Arte Outsider*, com forte inspiração no surrealismo (Arte, 2021). Neste contexto, foi produzida uma série de serigrafias elaboradas por quatro artistas integrados no projeto, entre eles Cláudia R. Sampaio (n.1981), Joana Ramalho (n.1990), Bráulio (n.1985) e Zé dos Castelos (n.1971), numa partilha do seu universo pessoal através da arte (Gerador, 2021). Um dos grandes focos do Centro Português de Serigrafia é também o interesse e divulgação da cultura portuguesa, com destaque na literatura. Como homenagem a José Saramago (1922 – 2010) e aos 20 anos da atribuição do prémio nobel ao escritor, foi publicada a edição *A Melancolia das Palavras* de João Francisco Vilhena (n.1965), composta por duas serigrafias, uma gravura e uma fotografia. O artista quis explorar várias técnicas, criando um conjunto de obras inspiradas nas fotografias tiradas por Saramago em Lanzarote em 1998 (Arte, 2018). Igualmente com interesse em Saramago, em parceria com a sua fundação, o CPS produziu em 2022 o álbum *Mulheres Saramaguianas*, em que seis personagens femininas dos vários livros do escritor, foram representadas por seis artistas portugueses através da serigrafia e da gravura, entre eles Ana Romãozinho (n.1996), Graça Morais (n.1948), Joana Villaverde (n.1970), José de Guimarães (n.1939), João Vieira (n.1962) e Miguel Januário (n.1981).

(Arte, 2022). Todas as edições e coleções, assim como as edições especiais, são possíveis de encontrar publicadas atualmente na revista Arte e no site oficial do CPS (CPS, n.d.).

Cruzeiro Seixas (1920 – 2020) foi dos artistas portugueses mais importantes para o CPS, tendo sido produzidas várias edições de serigrafias das suas obras, até à data da sua morte em 2020. Para comemorar os seus 98 anos, um dos exemplares mais emblemáticos do seu trabalho realizado no atelier de serigrafia foi o *Diário não Diário*, um álbum publicado em 2019 que reúne imagens e textos pessoais retirados de alguns dos diários do pintor surrealista (ver figura 5). Desde pinturas, desenhos, *cadavre exquis*, colagens, objetos, convites, cartas, postais, poemas, dedicatórias e confissões de anónimos, estes são os conteúdos que dão forma aos 98 álbuns de carácter intimista, alusivos à idade do artista (Arte, 2019). Segundo João Prates, Cruzeiro Seixas esteve presente durante todo o processo de construção do objeto gráfico, o qual foi totalmente elaborado segundo as suas indicações. A encadernação do álbum é manual e cada exemplar, numerado e assinado, inclui também uma serigrafia igualmente numerada e assinada. O *Diário não Diário* foi exposto na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) em abril de 2019, com a presença do próprio artista (Observador, 2019). Ainda sobre Cruzeiro Seixas, foi produzido no atelier o livro *Coffret*, mais um objeto pessoal que representa a sensualidade, o movimento e os seus relacionamentos mais íntimos. O livro inclui três serigrafias, uma gravura reproduzida a partir de um desenho cego elaborado pelo artista, alguns poemas sobre África e ainda uma caixa de vidro com areia, conchas e búzios no interior, referente à cultura africana, a qual marcou a vida do artista quando este viveu em Angola (Arte, 2019).



Figura 7. Imagem da esquerda: Coleção Arte e o Livro, 1995. Serigrafias de Eurico Gonçalves. Imagem da direita: Coleção Arte e o Vinho, 2015. Serigrafia de Sofia Areal.

Desde a sua fundação, que o CPS tem participado em muitas exposições e eventos de arte em Portugal, entre elas a FAC - Feira de Arte Contemporânea, FEIRARTE, Bienal de Gravura, Arte Estoril, Porto Arte e Arte na Leira (CPS, n.d.). Na Bienal de Gravura da Amadora em 1998, na qual o Centro Português de Serigrafia esteve presente pela primeira vez, foi organizada uma exposição em colaboração com o CAO'S - Centro de Artes e Ofícios de Odivelas, para mostrar o trabalho do gravador e mestre Humberto Marçal, atualmente coordenador do atelier de gravura e litografia do CPS (Galeria de Arte, 1998). Também fora do país, o CPS esteve presente no Mês Cultural Português na África do Sul e nas prestigiadas ARCO e ESTAMPA em Madrid. Desde 1993 que o CPS expõe o seu trabalho na ESTAMPA - Salão Internacional de Obra Gráfica, sendo um dos eventos de arte mais importantes a nível mundial. Ao expor os seus projetos na ESTAMPA, o CPS contribuiu para o desenvolvimento da serigrafia em Espanha, uma vez que a gravura era a técnica de impressão mais utilizada e a serigrafia pouco explorada (Galeria de Arte, 1996). No seguimento de um protocolo com a Biblioteca Nacional Portuguesa, o CPS participa na FIG Bilbao – Festival e Feira Internacional de Gravura de Bilbao desde 2015 (Arte, 2015).

Para comemorar os 20 anos do CPS, foi inaugurada a exposição *Impressões Múltiplas* no Museu da Água em Lisboa, juntamente com a publicação do livro *Impressões Partilhadas*, que reúne todas as edições realizadas pelo CPS até à data. A exposição teve também a realização de

um workshop no jardim do museu, coordenado por Humberto Marçal, onde pessoas de todas as idades puderam experimentar a técnica da gravura e levantar as suas questões aos técnicos e artistas (Arte, 2006). Ao completar os seus 35 anos em 2020, o CPS realizou uma exposição em homenagem a Marçal, evidenciando o seu talento numa combinação entre a colagem, a pintura e a gravura (Arte, 2020). Também como celebração dos 35 anos do CPS, é importante destacar a exposição *O Tempo das Imagens III* em parceria com a Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), onde estiveram expostas 99 obras de 77 artistas portugueses, entre os quais o pintor Cruzeiro Seixas, com uma sala reservada só ao seu trabalho, e ainda um conjunto de fotografias que mostram o Atelier CPS e o seu funcionamento (Time Out, 2020). Já em 2018 as duas entidades colaboraram na exposição *Tempo das Imagens II*, com destaque na serigrafia *Tempus Locum* de Gabriel Garcia (n.1977), inspirada numa das primeiras fotografias captadas durante o séc. XIX, a obra distingue-se pela união entre o conceito imediato da fotografia e o processo longo da serigrafia (Agenda Cultural de Lisboa, 2018). Também em 2019 foi organizada na biblioteca uma exposição para comemorar os 98 anos de Cruzeiro Seixas, apresentando a edição do álbum *Diário não Diário* (Arte, 2019). Desde 2015 que o Centro Português de Serigrafia e a Biblioteca Nacional de Portugal celebram o protocolo de colaboração, em que a BNP recebe a doação de uma prova de artista de algumas das edições produzidas no CPS, tendo já representado e promovendo a obra gráfica de artistas como José de Guimarães e Siza Vieira (Arte, 2015).



Figura 8. Entrada da loja do CPS no Centro Cultural de Belém. Foto retirada do site oficial do CPS.

Para além da sua participação assídua em eventos de arte, o Centro Português de Serigrafia também organiza exposições temporárias para dar a conhecer a obra gráfica produzida por artistas nacionais e internacionais que marcaram o séc. XX, tais como a pintora portuguesa Paula Rego (1935 – 2022) e o artista espanhol Pablo Picasso (1881 – 1973), os quais utilizaram várias técnicas de impressão ao longo do seu percurso artístico. Em 2008 é inaugurada a exposição *100 gravuras de Divina Comédia de Dante* do pintor surrealista Salvador Dali (1904 – 1989), a qual marcou a abertura da nova loja CPS no Centro Cultural de Belém (CCB) (Arte, 2008). Destinado à venda da obra gráfica desenvolvida no atelier, neste espaço também são organizadas algumas exposições com os projetos elaborados pelo CPS, como por exemplo a exposição de Arte Bruta ou Arte Outsider, *Manicómio x CPS: Imitação da Existência* (Gerador, 2021). Em 2019 o CPS participou pela primeira vez na Feira do Livro de Lisboa, com o objetivo de levar a obra gráfica aos novos públicos apreciadores de arte, valorizando o livro como objeto de arte e de coleção. Um dos projetos que mais se destacou neste evento cultural, foi o livro *A Alma do Papel* de Ana Maria (n.1959), nas suas narrativas expressas através da gravura (Arte, 2019). O CPS também dispõe da Galeria António Prates, destinada à exposição de obras originais de artistas contemporâneos, a qual surge com a abertura das novas instalações em Santos.



Figura 9. Imagem da esquerda: *Os Lusíadas*, 1994. Colaboração de vários artistas. Imagem da direita: *Diário Não Diário*, 2019. Álbum livro de Cruzeiro Seixas.

Na atualidade, o CPS produz mais de 2000 serigrafias de artistas nacionais e internacionais, com diferentes linguagens e formas de expressão, desde pinturas e ilustrações a desenhos mais gráficos. Existem reproduções de trabalhos de alguns pintores portugueses que marcaram o séc. XX, tais como Cruzeiro Seixas, Júlio Pomar, Mário Cesariny, José de Guimarães, João Hogan e Alice Jorge. Da mesma geração e de carácter internacional são igualmente destacados artistas como Allen Jones (n.1937), Jan Voss (n.1936), Vladimir Velickovic (1935 – 2019), Jacques Monory (1924 – 2018), Peter Klasen (n.1935), Rafael Canogar (n.1935), entre outros. Alguns artistas e ilustradores portugueses mais jovens e contemporâneos também já realizaram projetos no CPS, entre eles Francisco Vidal (n.1978), Engrácia Cardoso (n.1976), Ana Ventura (n.1972), Miguel Januário (n.1981), Kruella D'fender (n.1988), Mário Vitória (n.1983), Alexandre Farto aka Vihils (n.1987), João Fazenda e Nuno Saraiva, assim como autores também de carácter internacional como Ken Rinaldo, Matthias Contzen (n.1964), Fabesko (n.1970) e Alex Gozblau. Em cada edição, está definido que 10% das obras são Provas de Artista (PA), destinadas aos mesmos e outros 10% são considerados como Extra Coleção (HC), sendo que as restantes obras pertencem ao Centro

Português de Serigrafia. As edições são todas identificadas pelo selo-branco do CPS, como confirmação da sua originalidade, autenticidade e caráter irrepetível (CPS, n.d.).

2.1.1 ATELIER

No *site* online do CPS também é possível conhecer a história do seu atelier. Inicialmente localizado em Benfica, a partir do ano 2000 o CPS muda as suas instalações para a zona central de Lisboa, na Rua dos Industriais, em Santos. Também nesta morada, em 2003 é inaugurado o novo espaço do Atelier, mais amplo e preparado para a edição e a divulgação da obra gráfica nas suas diferentes técnicas de impressão, sendo também um espaço aberto à exploração e inovação criativa (Prates, J. 2001).

O trabalho no atelier é orientado por profissionais experientes, responsáveis pela produção das várias edições de serigrafia, cada uma com uma tiragem limitada de 200 impressões. Inicialmente as máquinas de impressão eram totalmente manuais, sendo que na atualidade o atelier dispõe de máquinas industriais e automáticas, que facilitam uma produção mais rápida, eficiente e cómoda para os impressores. Mesmo utilizando máquinas industriais, a serigrafia é uma técnica de impressão artesanal, tendo um processo meticuloso e por isso demorado, uma vez que envolve não só o trabalho da equipa técnica do atelier, mas também a presença dos próprios artistas consoante a sua disponibilidade (Prates, J. 2001). A essência da serigrafia está também neste tempo em que todo o processo da realização da obra acontece. Existe um trabalho conjunto entre os artistas, os desenhadores e os impressores, sendo que são os dois últimos que dão forma à ideia do artista, ajustando todos os pormenores necessários para que o objeto final fique o mais semelhante possível à criação original. Luís Azevedo é um dos serígrafos, impressor e atual coordenador do atelier de serigrafia, tendo como colegas Rui Silva, também serígrafo e impressor, Sara Rodrigues e Carina Barbosa como desenhadoras. Esta colaboração e confiança entre o técnico e o artista é das características que mais destaca a serigrafia no seu processo criativo, dada a sua plasticidade que a diferencia das outras técnicas de impressão (Marques da Gama Vieira, 2016).

O valor da obra gráfica varia consoante o tamanho, a complexidade técnica e as indicações do próprio artista, o qual deve intervir na realização de cada edição ao longo das várias fases do seu desenvolvimento, assim como assumir seu controle qualitativo, para garantir a autenticidade do projeto (Galeria de Arte, 1996). Todos os exemplares da edição devem ter as mesmas características, relativamente ao tipo de papel, tamanho das margens e qualidade de impressão,

sendo depois assinados e numerados pelo artista. A numeração é indicada sob a forma de fração, em que o denominador indica o total da edição e o numerador o número do exemplar. Todas estes detalhes e variações em cada edição são devidamente anotados nos catálogos, onde as obras são registadas. Para conservar estes trabalhos é necessário ter o máximo cuidado ao serem manuseados e arquivados, tendo em conta que se deve evitar a exposição ao sol direto e grandes amplitudes térmicas ou de humidade, com risco de provocar contrações e distensões no papel que possam danificar a obra. Para além da serigrafia, que foi a primeira técnica de impressão introduzida no atelier em 1985, o CPS também disponibiliza aos artistas interessados o atelier de gravura e litografia, preservando estas técnicas de impressão pouco utilizadas na atualidade (Prates, J. 2001).

2.1.2 OUTRAS TÉCNICAS DE IMPRESSÃO

Para além da serigrafia, a gravura é uma das técnicas de impressão realizada no CPS desde os anos 1990, sendo utilizada de forma artística a partir do séc. XV. Segundo a gravadora Irene Ribeiro (n.1949), Diretora da Bienal de Gravura da Amadora, a gravura deve ser abordada não só como uma técnica de reprodução de obras de arte, mas também como forma de arte original, atualmente já muito utilizada como meio de expressão por vários artistas mais jovens e inovadores (Galeria de Arte, 1998). A primeira gravura a ser produzida no CPS é da autoria de Manuela Pinheiro (n.1939) (Prates, J. 2001).

A litografia é também uma das formas de impressão utilizadas no CPS, partilhada com o atelier de gravura. De origens gregas na palavra *lithos* (pedra), é uma técnica inventada em 1798, que começou a ser utilizada artisticamente nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX (CPS, n.d.). O desenho é gravado numa pedra calcária específica, com um material gorduroso como lápis ou tinta, que por sua vez é transferido para o papel humedecido, através da pressão exercida por um rodo. Humberto Marçal orientou o trabalho da artista Helena Abreu (n.1924) como primeiro projeto de litografia realizado no atelier (ver figura 8). A litografia é a forma de impressão que mais se equipara à pintura e ao desenho, sendo que o artista tem toda a liberdade expressiva, ao desenhar a imagem diretamente na pedra. Artistas como Toulouse-Lautrec (1864 – 1901) e Matisse (1869 – 1954) utilizaram a litografia como processo artístico em várias obras (Prates, J. 2001).

Juntando a estas técnicas de impressão, o CPS também desenvolve trabalhos de fotografia e dispõe da impressão em estampa digital como meio para reproduzir uma imagem. Garantindo sempre máxima qualidade, o papel utilizado na estampa digital é *acid free*, com alta gramagem e

tem uma grande percentagem de algodão, assim como diversas texturas. A fotografia é uma das vertentes artísticas contemporâneas mais prestigiadas, atribuindo uma riqueza à obra gráfica na sua relação com as técnicas de impressão artesanais. O artista é livre de explorar várias combinações entre todas as técnicas trabalhadas no atelier, tal como pode assumir um carácter experimental e intervir de forma mais plástica em suportes alternativos ao papel, como tela, seda, feltro, entre outros (CPS, n.d.)



Figura 10. S/ Título, 2001. Litografia de Helena Abreu. Primeira litografia produzida no CPS.

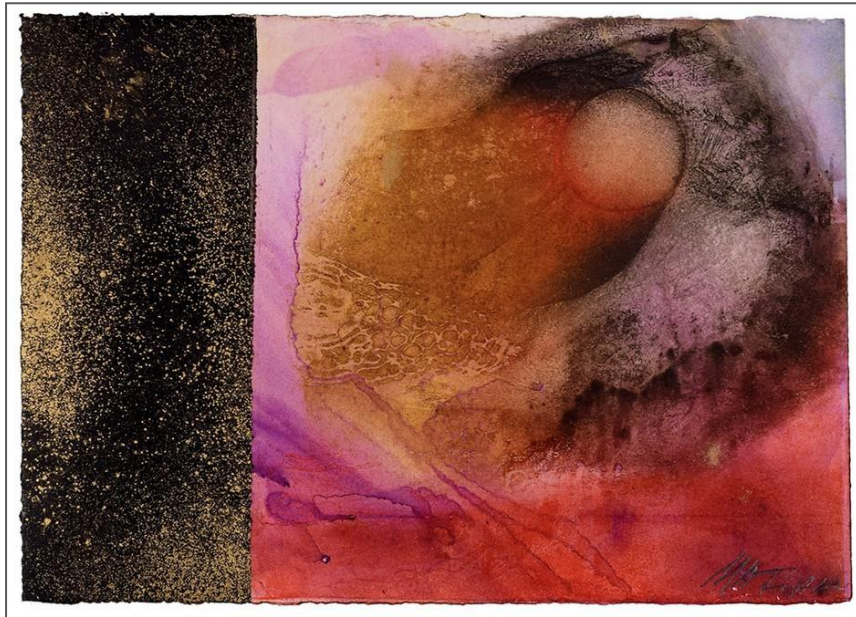


Figura 11. S/ Título, 2019. Gravura e técnica mista por Humberto Marçal.

2.2 NOVOS IMPRESSORES

Existem cada vez mais oficinais artesanais e semi-industriais que produzem sobretudo obras de artistas ou de projetos artísticos mais experimentais e independentes, tais como o Homem do Saco, a Lavandaria, a Oficina do Cego, a Desisto, em Lisboa, a Oficina Arara e a Oficina Mescla, no Porto.

HOMEM DO SACO

O Homem do Saco é um atelier de tipografia e edições, sendo um dos espaços mais conhecidos em Lisboa dentro do contexto das oficinas artesanais. Inicialmente criado como uma associação sem fins lucrativos, o atelier foi inaugurado em 2013 e é constituído por Luís Henriques, Luís França, Manuel Diogo, Ricardo Castro e Mariana Nascimento. Para além das edições em tipografia de caracteres móveis, também se dedica à serigrafia e à impressão digital em risografia ou offset, muitas vezes misturando várias técnicas (Homem do Saco, n.d.). Cada carácter de tipografia é um meio de impressão que pode ser utilizado como uma letra, um símbolo ou um elemento de uma imagem. Sendo que o seu foco está nomeadamente em pequenas edições, qualquer objeto produzido no atelier reflete características próprias e diferentes, variando no

formato, no tipo de letra e no papel, de modo a destacar o seu caráter único e original. O Homem do Saco faz edições de livros, revistas, cartazes, postais, convites de casamento, cartões pessoais e ainda aceita projetos de artistas, autores, associações culturais e faz *workshops* de tipografia. As edições mais artesanais, normalmente com tiragens de 30 a 50 exemplares, vão desde poemas, pequenos textos, ilustrações ou livros cosidos à mão, numa abordagem livre e preservando sempre a sua originalidade (Rede Artes e Ofícios, n.d.).

LAVANDARIA

A Lavandaria é um pequeno atelier de design gráfico também localizado em Lisboa. Criado em 2014 por Maria Fernandes, Marta Teixeira da Silva e Rafael Lourenço, antigos estudantes de Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, o atelier dedica-se à produção gráfica em serigrafia. Marta Teixeira da Silva inicia o seu percurso profissional em serigrafia já na faculdade, sob a orientação do técnico Paulo Lourenço (Rede Artes e Ofícios, n.d.). O nome “Lavandaria” provém do espaço inicial em que foi fundada, uma lavandaria de bairro. O processo de serigrafia utilizado no atelier é totalmente manual, sendo que a própria mesa de luz é feita à mão e todos os mecanismos e recursos resultam numa impressão simples e minuciosa, em que cada tom é aplicado lentamente a partir apenas da tinta e do papel (Lavandaria, n.d.). O atelier surgiu pela iniciativa de um grupo de amigos com a aspiração de trabalhar em conjunto e criar um projeto que se desenvolvesse de forma manual, passando o trabalho digital, mais uma vez, para a subtilidade da tinta e do papel. A Lavandaria faz edições de autores, ilustradores e artistas plásticos, assim como encomendas de empresas, ateliers de design e arquitetura. O facto de ser uma oficina de bairro, facilita a proximidade com os clientes, sendo que há cada vez mais pessoas motivadas a aprender a trabalhar em serigrafia e várias visitas organizadas por escolas e universidades para conhecer o espaço do atelier (Rede Artes e Ofícios, n.d.).

DESISTO

Desisto é um estúdio de design gráfico criado por Margarida Borges, Ricardo Martins e José Mendes. Todos formados em design, o que os motivou a criar o projeto foi fugir à rotina do trabalho quotidiano e construir algo mais independente e criativo. Existindo um interesse comum pela risografia, uma técnica de impressão até à data pouco explorada em Portugal, os três designers

fizeram uma formação no Frans Masereel Centre em Kasterlee, na Bélgica, onde puderam aprender mais sobre esta técnica e, mais tarde, obter uma máquina e aplicá-la no seu trabalho em atelier (Redes Artes e Ofícios, n.d.). Inicialmente lançado como uma plataforma de edição em 2013, foi em 2016 que surgiu o espaço do estúdio, em Lisboa, onde é desenvolvido o trabalho de produção gráfica e tipografia, explorando não só a risografia, mas também a serigrafia. Para além do trabalho de produção, o estúdio dedica-se ainda à curadoria de exposições e lançamentos de publicações (Desisto, n.d.). O nome “Desisto” nasceu exatamente deste conceito de trabalhar de forma independente e contestar as ideias formatadas impostas por outros, numa visão diferente do que é o design (Black Sheep Studios, n.d.). Dentro de uma prática experimental, Desisto trabalha nomeadamente com ilustradores, salas de concerto e artistas plásticos, sendo que a sua produção oscila entre grandes e pequenas edições (Redes Artes e Ofícios, n.d.).

OFICINA DO CEGO

A Oficina do Cego é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2009 em Lisboa, por um conjunto de artistas e especialistas das artes gráficas, conhecedores da arte da impressão. O seu principal foco é a produção gráfica e o ensinamento de técnicas dentro desta área, entre elas a serigrafia, a tipografia, a cianotipia, a gravura e processos artesanais ligados a estas disciplinas. A oficina não se identifica como uma editora que trabalha para clientes. Dedicar-se à produção de posters, livros, cadernos e outros objetos gráficos, numa perspetiva de um trabalho conjunto com as pessoas ou os artistas interessados a criar os seus projetos de forma autónoma e independente. Existe um interesse por parte dos fundadores em partilhar os seus conhecimentos através de workshops e formações, entre os quais se destaca o Curso de Auto-Edição, com a duração de cerca de 130 horas ao longo de quatro meses. Ao realizar este curso, os alunos experimentam as técnicas possíveis dentro da oficina, desenvolvendo o seu próprio projeto numa edição diversificada, tendo ainda a oportunidade de expor as suas obras ao concluir o curso. A Oficina do Cego desenvolve ainda exposições, palestras, conferências, encontros e colaborações institucionais, sempre com o intuito de apoiar o trabalho dos seus associados e popularizar o interesse pelas pequenas edições (Oficina do Cego, n.d.).

OFICINA ARARA

Também no porto existem algumas oficinas e ateliers de produção gráfica, tanto numa perspetiva artesanal como editorial. A Oficina Arara é um destes espaços, formado em 2010 como coletivo artístico, num projeto autónomo que se dedica à produção de cartazes, livros e outros objetos gráficos. A principal técnica explorada pela Arara é a serigrafia, em que o desenho e a impressão se desenvolvem em conjunto. A partir de 2014, a oficina passou a intitular-se como uma associação cultural, da qual várias pessoas fazem e fizeram parte da sua constituição, entre elas Miguel Carneiro, João Alves, Luís Silva, Irina Pereira, Pedro Nora, Bruno Borges, Dayana Lucas, Daniela Duarte, Ruca Bourbon, Von Calhau, Rui Silva e Mariya Nesvyetaylo (Oficina Arara, n.d.). Abrindo as suas portas a encontros coletivos e manifestações de todo o tipo de ideias, a produção e as práticas criativas que caracterizam a Oficina Arara são sobretudo da autoria dos seus associados. No entanto, a oficina integra também o trabalho de artistas e amigos interessados em desenvolver as suas obras e, no mesmo contexto, organiza vários eventos e colaborações com algumas entidades, abrangendo diversas áreas tais como as artes visuais, o design, o ativismo sócio-político e a música (Seguro, 2018).

OFICINA MESCLA

Sediada na baixa do Porto, desde 2019, a Mescla é uma oficina que explora várias técnicas de impressão e se dedica à produção gráfica por encomenda ou de edições de autor. Criada por Alexandra Rafael e Tomás Dias, ambos têm a motivação de passar os seus conhecimentos a quem quer aprender mais sobre estas técnicas e dispõem do espaço da oficina para workshops, palestras, residências artísticas e o aluguer de máquinas e materiais a todas as pessoas interessadas em desenvolver os seus projetos (Oficina Mescla, n.d.). A Mescla está preparada para cada artista explorar as técnicas de impressão disponíveis, entre elas a serigrafia, a cacografia, a litografia, a xilogravura e a linogravura (Galeria Municipal do Porto, n.d.).

2.3 FEIRAS DE AUTO-EDIÇÃO

Existem também inúmeras feiras que mostram e comercializam produção gráfica criada por artistas de forma independente, tais como a Raia - Tráfico de Edições, em Lisboa, e a Feira da Alegria, no Porto. Estes eventos funcionam com uma chamada de propostas (Open Call), o que significa que as propostas que integram estas feiras passam pela seleção dos seus organizadores.

FEIRA RAIA – TRÁFICO DE EDIÇÕES

A Feira Raia - Tráfico de Edições consiste num evento que dá a conhecer a produção gráfica desenvolvida por artistas, coletivos de artistas, ateliers, oficinas e estúdios de design em Portugal. Segundo a organização é uma feira de edições, poesia, música, fotografia, edições piratas e cartazes que conjuga a tradicional feira de edição e a arte gráfica, em que o público pode contactar e adquirir diretamente aos editores e artistas as suas obras, com uma programação que oferece exposições, projeções de vídeos, concertos, bancas de alfarrábio e segunda mão (livros e discos) e outras animações num espaço central e amplo. O evento é uma oportunidade para comprar uma serigrafia, um livro de artista, um fanzine, um disco, ou simplesmente ficar a par do que se passa no mundo da pequena edição de objetos de natureza gráfica e literária. A Feira Raia acontece em Lisboa, e é organizada por José Feitor, Luís Henriques e Ricardo Castro, tendo decorrido já por duas vezes, em 2017 e 2021, no Núcleo Anjos 70, e nas últimas duas edições, 2022 e 2023, no Mercado de Santa Clara. A sua atividade pode ser acompanhada nas redes sociais, sobretudo o seu canal no Instagram, <https://www.instagram.com/feiraraia/>. Percorrendo as bancas da feira, é possível encontrar todo o tipo de artigos desde livros, fanzines, posters, serigrafias, pins, discos, objetos artesanais ou de auto-edição e projetos de editores exclusivos, que geralmente não estão à venda na maior parte das livrarias, tanto de artistas independentes como Alice Monvaillier, Constança Duarte, David Penela, Marco Gomes, como de coletivos como Chili Com Carne, Coletivo Entramados, o Homem do Saco, a Oficina do Cego e a Oficina Arara, com trabalhos que marcam regularmente a sua presença. Nas suas várias edições, observa-se cada vez mais aderência e um aumento dos participantes e editores nacionais e estrangeiros interessados em vender as suas obras gráficas. Na edição de 2023, que se realizou entre 22 e 23 de abril, participaram cerca de 70 bancas. Para além da venda de objetos, a Feira Raia também organiza concertos, sessões musicais com DJ, exposições e ainda oficinas para as crianças (Figueiredo Costa, 2021).

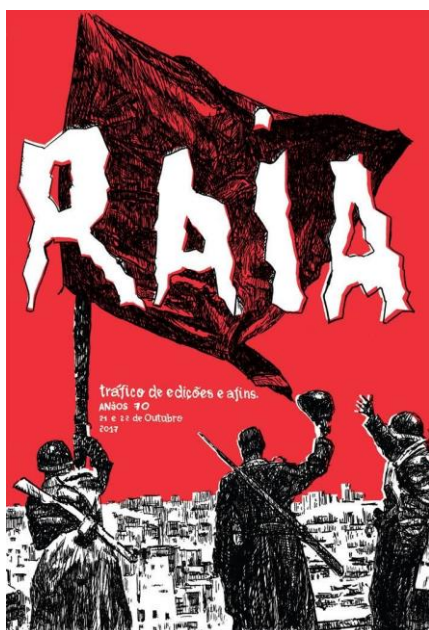


Figura 12. Imagem da esquerda: Cartaz da Raia de 2017 da autoria de João Fonte Santa. Imagem da direita: Cartaz da Raia de 2023 da autoria de Ana Casimiro.



Figura 13. Feira Raia no Mercado de Santa Clara, em Lisboa, em 23 de abril de 2023. Fotos de Alexandre Pomar.

FEIRA DA ALEGRIA

A Feira da Alegria é mais um destes eventos que procuram expor a obra gráfica de artistas em Portugal, que se realiza anualmente na cidade do Porto, desde 2015. Segundo a organização é um mercado de edição, transumância gráfica e escatologia comercial — reúne coletivos que se expressam através do múltiplo gráfico: serigrafia, gravura, tipografia, ilustração, fotocópia e artefactos com inscrição incerta. A Alegria distingue-se por privilegiar fenómenos de comunicação lenta, opaca e texturada, numa combinação heurística entre artes visuais, som e literatura. A amálgama gráfica de objetos com um tempo de publicação definido pelo acaso é um desafio criativo para quem publica e para quem vê. Neste evento muitos editores e artistas mostram e vendem obras variadas, ilustrações originais e todo o tipo de objetos gráficos trabalhados através de diversas técnicas de impressão, entre elas a serigrafia, a gravura e a tipografia (Time Out, 2021). A lista de participantes é exaustiva e inclui Ana Torrie, Diovo, André Caetano, Fojo, Erva Daninha, Luciana Bastos, Marcelo Claap, Margoo, Orinoco, Paralaxe, entre muitos outros. Em 2020, a Feira do Livro do Porto criou uma parceria com a Feira da Alegria, com o intuito de construir uma ligação entre a literatura as artes gráficas, dando a conhecer a um público mais abrangente, estes processos criativos, caracterizados como alternativos e independentes (Museu do Porto, 2020). Tal como a Feira Raia, a Feira da Alegria divulga e dissemina a sua atividade através das redes sociais, sobretudo através do Facebook, <https://www.facebook.com/feiradalegria> e do seu canal no Instagram, <https://www.instagram.com/feiradalegria/>. Em 2023, a Feira da Alegria volta a realizar-se nos jardins da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, mais precisamente nos dias 17 e 18 de junho.

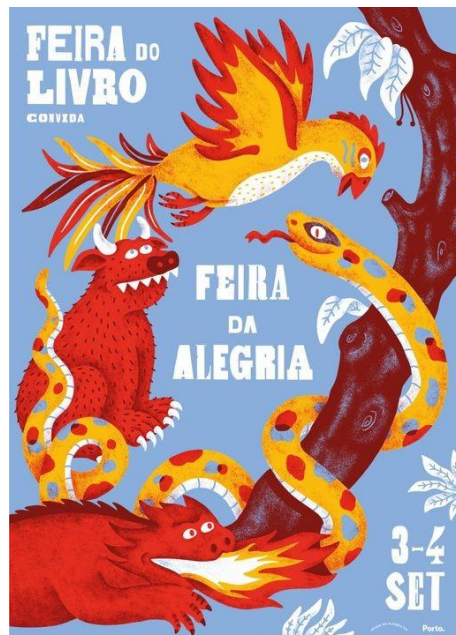


Figura 14. Imagem da esquerda: Cartaz da Feira da Alegria de 2019 da autoria de Vasja Lebaric.

Imagem da direita: Cartaz da Feira da Alegria de 2023 da autoria de Pilar Del Rio.



Figura 15. Imagem da esquerda: Feira da Alegria nos Jardins da FBAUP, em 2019. Imagem da direita: Feira da Alegria nos Jardins do Palácio de Cristal, em 2022. Fotos de Feira da Alegria.

CAPÍTULO 3 - EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO NO CENTRO PORTUGUÊS DE SERIGRAFIA

O meu estágio teve início dia 3 de outubro de 2022 e terminou a 31 de janeiro de 2023. Ao longo do primeiro mês estive focada nas várias fases do processo da serigrafia, registrando e tirando fotografias do trabalho e respetiva função que cada técnico desenvolve no atelier. Tive o privilégio de poder observar alguns artistas, tais como Francisco Vidal e Pedro Calapez a intervirem nas suas obras, utilizando a serigrafia de forma mais livre e plástica. Um dos desafios que me foi proposto no CPS, foi a introdução da modelação e impressão 3D no atelier. Como iniciativa experimental, foi-me facultada uma impressora da marca *Formlabs*, e trabalhei principalmente através do programa *Blender*, para modelar a forma de um *donut* posteriormente impresso em resina. A escolha da marca *Formlabs*, deve-se à qualidade dos acabamentos na impressão em resina, em comparação com a impressão em filamento de plástico. Tive ainda a oportunidade de criar uma serigrafia da minha autoria, na qual experimentei a técnica de impressão numa máquina totalmente manual. Sendo um dos exercícios realizados durante o estágio, este também consistiu na preparação das películas, gravação dos quadros e limpeza dos mesmos depois de cada utilização. Para além da serigrafia, pude também experimentar o atelier de gravura, tendo realizado um projeto utilizando as técnicas de água-forte, água-tinta e mordedura profunda.

Todas as obras reproduzidas têm características próprias e distintas, sendo que existe uma adaptação na preparação das películas utilizadas na gravação dos quadros, consoante estas diferenças técnicas. Os desenhistas utilizam o *Photoshop* como ferramenta principal para separar cada tom e criar a sua imagem a preto nas películas, nomeadamente para reproduzir obras mais gráficas ou com pouca gradação de cor. No que toca a pinturas mais abstratas e grandes *degradês*, é necessário recorrer muitas vezes à utilização de caneta preta e tinta-da-china, através de desenho e pintura manual ou técnicas manuais como esponjado e salpicos de tinta. Durante a realização do estágio tive a oportunidade de observar e experimentar estas várias técnicas, ajudando na preparação das matrizes de algumas obras reproduzidas no atelier. Após a elaboração das películas, aprendi a gravar o respetivo desenho no quadro. O primeiro passo consiste em aplicar na rede do quadro um preparado químico sensível à luz designado de sensibilizador, o qual fica a secar dentro de uma estufa durante uns minutos. Depois do sensibilizador estar seco, o quadro é colocado numa prensa sobre a película, sendo ambos expostos à luz ultravioleta. Ao incidir sobre o desenho, a luz bloqueia as zonas preenchidas a preto, de forma a ficarem protegidas para o sensibilizador não secar.

O tempo de exposição pode variar de 1 a 4 minutos, consoante o desenho e os seus detalhes. De seguida o quadro é passado por um jato de água, que retira o sensibilizador das zonas protegidas, as quais ficam abertas para passar a tinta durante a impressão. Pude observar também o trabalho dos impressores nas máquinas automáticas, atentando aos vários detalhes do processo de impressão consoante o projeto, desde a preparação da máquina, aos acertos necessários para o enquadramento do quadro e ao tempo de secagem entre cada tom impresso.

Para além da preparação das películas e da impressão, a fase de limpeza dos quadros e do material utilizado também é uma etapa do processo da serigrafia muito importante. Os quadros são lavados com um jato de pressão de água e é utilizada uma escova com um produto de limpeza para retirar a camada de tinta superior e o sensibilizador, seguido de um ácido que elimina as camadas de tinta mais profundas. Após cada tom ser impresso, o respetivo quadro gravado deve ser lavado e assim a matriz destruída, de modo a não ser mais utilizada e preservar os direitos de autor da obra reproduzida. As espátulas e pinceis usados durante o processo têm de ser também imediatamente limpos com água, sob o risco do sensibilizador ou a tinta secar e o material ficar inutilizável.

3.1 ARTISTAS QUE INTERVÊM DIRETAMENTE EM SERIGRAFIA

Uma das experiências mais cativantes e interessantes que tive ao longo do estágio, foi conhecer alguns artistas e observá-los a intervir diretamente nas suas obras através da serigrafia. Estes momentos foram importantes na minha aprendizagem, pois, para além do trabalho dos técnicos, pude analisar de que forma o artista estuda e desenvolve o seu trabalho no espaço do atelier. O CPS realiza este tipo de “serigrafia intervencionada”, mais experimental e plástica há vários anos, convidando artistas tão diversos como Francisco Vidal, Pedro Calapez, Marta Wengorovius (n.1963), Martinha Maia (n.1976), Luís Lemos (n.1954), Gracinda Candeias, Sofia Areal, Eurico Gonçalves, Alexandre farto aka Vhils, entre outros.

A maior parte dos artistas intervém nas serigrafias através da pintura, como é o caso de Luís Lemos na sua obra *Lignes de Fonds III* publicada em 2016, Sofia Areal no projeto *Série de 3* publicado em 2013 e ainda Eurico Gonçalves em algumas das suas obras *S/ Título* publicadas em 2007. Seguindo este procedimento, o trabalho de Gracinda Candeias destaca-se dada a técnica manual utilizada pela artista, a qual pinta com as mãos sobre um desenho já impresso previamente em serigrafia, como é possível de observar no projeto *Série Primavera* publicado em 2015.



Figura 16. Gracinda Candeias a pintar com as mãos sobre serigrafia no atelier do CPS, no seu projeto *Série Primavera*, 2015. Fotografia retirada do site oficial do CPS.

Também algumas destas serigrafias intervencionadas foram desenvolvidas por diferentes artistas no âmbito do mesmo projeto, como é o caso da série *Interferências “ Singularidade no Múltiplo* publicada em 2012, com obras de Marta Wengorovius e Martinha Maia. Muitos projetos foram integrados em exposições do CPS, tais como a série *Still Free 44* de Francisco Vidal e também a obra *Distopia* de Vhils, realizada no âmbito da exposição coletiva *1/81, 30 anos CPS, Museu do Cão* em 2015. Existem ainda artistas que já tiveram esta abordagem de intervir em gravuras ou litografias, tais como o artista Dominique Coffignier (n.1956), em que suas gravuras e litografias intervencionadas foram divulgadas na exposição *Paper Vivant* na loja CPS no CCB, em 2017. Grande parte destas obras, como o site oficial do CPS indica, estão esgotadas dada a sua elevada aderência e muitas delas por serem exemplares únicos.

Nos primeiros meses do estágio, tive a possibilidade de acompanhar a realização de duas destas serigrafias experimentais, uma intervencionada pelo artista Francisco Vidal e outra pelo artista Pedro Calapez, cada um com a sua linguagem artística e procedimento próprio. É interessante observar que os dois artistas têm dinâmicas muito diferentes no seu processo manual de intervir na serigrafia. Ambos adaptam a técnica aos seus conceitos, utilizando os materiais e ferramentas de formas diferentes, o que resulta em duas séries expressivas e criativas. Vidal segue

um processo mais experimental, em que utiliza a pintura em simultâneo com a serigrafia, enquanto Calapez se expressa através da repetição numa linguagem mais abstrata.

FRANCISCO VIDAL

Numa simbiose entre a pintura e a serigrafia, Francisco Vidal foi um dos artistas que tive a privilégio de ver a trabalhar no atelier. O artista explora muito a serigrafia no seu processo criativo e utiliza-a sobretudo de forma experimental, sendo que também já desenvolveu alguns projetos em que aplica a técnica no seu procedimento tradicional. Para além da sua intervenção direta na serigrafia, com a ajuda dos técnicos, o artista também cria as suas próprias matrizes e limpa os seus quadros. Nas matrizes, assim como desenhos, destacam-se diversas palavras e frases escritas num traço expressivo, seguindo o conceito de caligrafia rasurada de Namalimba Coelho, aplicada pelo artista em quase todas as suas obras (CPS, n.d.). No contexto do seu trabalho mais experimental, tive a oportunidade de observar Vidal a realizar um trabalho, desenvolvido no âmbito de um projeto para a Vodafone, em que fez várias experiências de sobreposição com matrizes e cores diferentes, intervindo manualmente em todas as imagens criadas sobre tela. Em vez de se servir das máquinas de serigrafia, o artista dispõe as telas no chão e aplica a tinta sobre os quadros serigráficos com um rodo manual, uma escova ou uma espátula, resultando numa obra expressiva dentro da sua linguagem artística. As imagens criadas no atelier foram depois reproduzidas em impressão digital novamente sobre tela e finalizadas com uma última camada em serigrafia, com um desenho da autoria do artista e a palavra “Hello” escrita também na sua linguagem.



Figura 17. Francisco Vidal a intervir em serigrafia, no desenvolvimento do projeto para a Vodafone em 2022.



Figura 18. Francisco Vidal a intervir em serigrafia, no desenvolvimento do projeto para a Vodafone em 2022.



Figura 19. Projeto para a Vodafone, 2022. Fotografia tirada durante o estágio.

Para além deste projeto de Vidal, o CPS publicou também em 2022 a série *Still Free*, com 44 tiragens diferentes, diretamente intervencionadas pelo artista no atelier de serigrafia. Em cada exemplar, com as dimensões de 100 x 70 cm em papel fabriano (Tiep GF 290gr), Vidal pinta e utiliza a serigrafia num método livre, em que os seus gestos assumem sempre formas diferentes, criando obras originais e distintas. *Still Free* celebra a liberdade, não só através da técnica utilizada, mas nos seus variados conceitos. Num período pós pandemia, a obra levanta questões sobre a liberdade e reflete sobre a capacidade que cada pessoa tem de se expressar e de ser livre, na sua individualidade ou na relação com o mundo. A cor predominante é o laranja fluorescente, que representa a emergência de agir na procura desta liberdade. Na exposição *Still Free 44*, as 44

serigrafias, referentes à idade do artista (44 anos), foram apresentadas em maio de 2022, na loja CPS do Centro Cultural de Belém (CPS, n.d.).



Figura 20. Série Still Free, 2020. Imagem retirada do site oficial do CPS.

Francisco Vidal nasceu em Lisboa, em 1978. O artista tem nacionalidade portuguesa, angolana e cabo-verdiana, sendo que vive entre Luanda, Angola e Lisboa. É licenciado em Artes Plásticas na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e tirou o curso de mestrado em Fine Arts na School of Visual Arts da Columbia University nos Estados Unidos, onde viveu durante alguns anos. Em 2005 começa a expor o seu trabalho com maior frequência, dando início da sua carreira como pintor. Vidal é dos nomes mais simbólicos da sua geração na pintura contemporânea, sendo que o seu trabalho está muito relacionado com a mobilidade internacional, influenciado pelo percurso de vida do artista. É nomeadamente reconhecido pelas suas pinturas,

em que utiliza a caligrafia rasurada sobre telas de serigrafia com cores vivas e fortes, numa linguagem muito expressiva e própria. Algumas das suas obras fazem parte de coleções nacionais como a Fundação EDP e a Fundação Calouste Gulbenkian. A experiência de Francisco Vidal com o CPS dura há mais de dez anos, tendo uma especial relação com a serigrafia, uma vez que é das técnicas mais exploradas pelo artista e que mais se adapta ao seu processo criativo. A maior parte das suas obras são realizadas em série, no entanto, todas diferentes umas das outras, uma vez que as ideias de Vidal vão oscilando de forma livre e imprevisível. A sua obra gráfica destaca-se pela expressividade que acompanha estas oscilações, em que cada uma das suas serigrafias preserva o seu carácter único e individual, sendo quase sempre criadas no contexto experimental que define a linguagem do artista (CPS, n.d.).

PEDRO CALAPEZ

Outro artista que tive a oportunidade de observar a trabalhar, foi o pintor Pedro Calapez, na realização do projeto *Os Sonhos de Fausto*, desenvolvido no âmbito das edições do CPS. O projeto consiste numa série de composições dinâmicas, criadas através da combinação de duas cores sobre o mesmo fundo. Calapez recorreu à serigrafia tradicional para reproduzir a primeira camada, intervindo depois com um rodo manual para espalhar a tinta por cima da imagem já impressa. A série está dividida em duas combinações de duas cores, uma em dois tons de azul e outra em rosa e amarelo, ambas produzidas sobre a mesma mancha preta e irregular. As diferenças entre as duas combinações são facilmente visíveis, dada a escolha das cores. A harmonia entre os dois azuis e o fundo transmite uma sensação de profundidade e reflexão, enquanto o contraste entre o rosa e o amarelo, também na sua relação com o fundo, proporciona uma experiência visual intensa e vibrante. Todos os seus exemplares foram intervencionados pelo artista, sendo que cada um tem características únicas e distintas, conseguidas através da técnica manual utilizada. Este projeto teve uma tiragem de 78 serigrafias, realizadas em papel fabriano (Tief Gf 290gr.) e as suas dimensões são de 50 x 70 cm (CPS, n.d.).

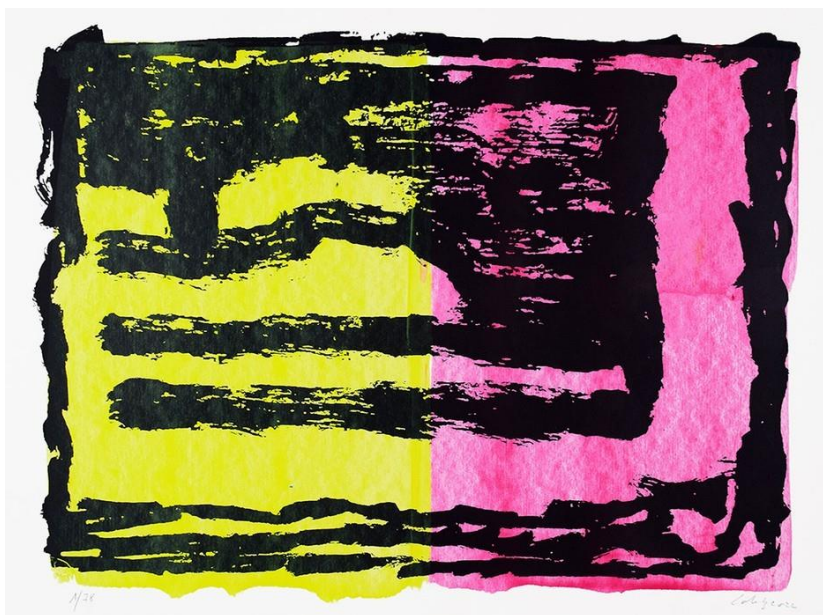


Figura 21. Série Os Sonhos de Fausto, 2022. Experiência em rosa e amarelo. Imagem retirada do site do CPS.

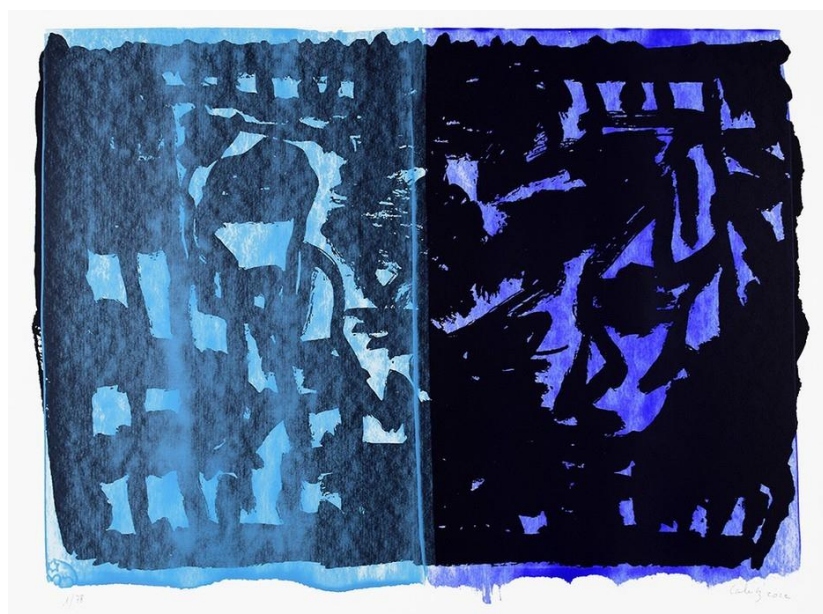


Figura 22. Série Os Sonhos de Fausto, 2022. Experiência em dois tons de azul. Imagem retirada do site do CPS.

No seguimento da entrevista realizada pelo CPS a Pedro Calapez durante o desenvolvimento deste projeto, o artista explica que *Os Sonhos de Fausto* partilha a mesma linguagem da série anterior *Apanhados*, criada em 2020. Apesar de surgirem de ideias diferentes, ambas se baseiam num processo de trabalho manual semelhante, em que o artista intervém diretamente na obra. Calapez utiliza uma espátula ou um rodo para arrastar a tinta sobre uma forma já anteriormente impressa, criando diferentes manchas de cor conseguidas a partir do mesmo gesto. Ainda que o movimento se repita em todos os exemplares da série, as formas conseguidas diferem sempre umas das outras, tornando cada serigrafia uma obra original. Na entrevista o artista refere: “As imperfeições, ou melhor, as diferenças que se notam numa edição normal de gravura, pois há sempre pequenas situações de tintagem ou deslocação de papel, ou pequenas variações de pressão, aqui são talvez maiores, porque são o resultado do arrastar manual, num modo mais mecânico possível, da espátula ou do rodo sobre a superfície do papel” (Calapez, 2023). É interessante também destacar as principais diferenças entre os dois projetos. Em *Apanhados*, a composição consiste numa primeira impressão em jato de tinta, criando uma imagem sólida e compacta que absorve a cor da camada superior. Em *Os Sonhos de Fausto*, a forma do fundo é impressa em serigrafia e são depois criadas manchas que, através das cores escolhidas, transmitem mais transparência e uma maior leveza na combinação entre a primeira e a segunda camada. Todas as formas que caracterizam a série *Apanhados* surgiram de desenhos digitais, enquanto, em *Os Sonhos de Fausto*, a forma que define o fundo da obra provém de desenhos realizados manualmente em tinta-da-china, retirados de um diário gráfico do artista e posteriormente retocados no computador (CPS, n.d.).

Calapez costuma intitular as suas obras, sempre depois de finalizadas, sem que esse título as defina concretamente. No caso de *Sonhos de Fausto*, o artista faz uma ligação entre o sonho e algumas das suas leituras do momento sobre a lenda de Fausto, de onde retira referências dos poemas de Goethe e de Fernando Pessoa (CPS, n.d.). Ao longo da entrevista o artista explica: “Adormeço muitas vezes a pensar como é que vou resolver determinado assunto, como é que se vai prosseguir o meu trabalho. Quer dizer que o meu cérebro ficará a funcionar para além dos atribulados sonhos que me agitam todas as noites e de que pouco me lembro ao acordar, e que desse modo se obtêm caminhos imprevisíveis no processo criativo. Daí, como este ambiente está presente no dia a dia das minhas leituras atuais, surgiu a ideia de usar este título, como se estas obras resultassem de um sonho.” (Calapez, 2023). Partindo deste conceito do sonho articulado com o

processo manual utilizado no projeto, a obra pode ser interpretada como abstrata ou como a representação de algo mais concreto. Existe uma transformação na imagem depois da intervenção manual do artista, que transmite diferentes sensações e ideias, dependendo da experiência de cada pessoa (CPS, n.d.).



Figura 23. Pedro Calapez a intervir diretamente em serigrafia no atelier do CPS, no seu projeto Os Sonhos de Fausto, 2022. Imagem retirada do site do CPS.

Pedro Calapez nasceu em 1953, onde vive e trabalha atualmente. Começou o seu percurso académico em engenharia civil, tendo mais tarde mudado para a Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Enquanto estudava, trabalhou como fotógrafo profissional, seguindo a sua vocação como pintor a partir de 1985. Frequentou também o Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes e entre 1986 e 1998 deu aulas na escola Ar.Co, no departamento de desenho e pintura. Participou em várias exposições coletivas a partir dos anos 1970, sendo que a sua primeira exposição individual foi em 1982. Calapez é dos pintores contemporâneos portugueses com maior reconhecimento ainda nos dias de hoje, tendo começado a sua carreira na década de 1980, onde

também se destacaram artistas como Pedro Cabrita Reis (n.1956) e José Pedro Croft (n.1957). O seu trabalho é reconhecido não só em Portugal, mas também a nível internacional, sendo que, para além das diversas exposições em que participou, algumas das suas obras são representadas em coleções como a Caixa Geral de Depósitos, Fundação EDP, Fundação Calouste Gulbenkian, Museu de Serralves, Fundació Pilar i Joan Miró, MMCARS – Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, entre outras (CPS, n.d.).

3.2 CRIAÇÃO DE UMA SERIGRAFIA MANUAL

Como exercício principal elaborado no CPS, tive a oportunidade de criar uma serigrafia, aplicando a técnica de impressão numa máquina manual. Para além de aprender a imprimir, tive também de preparar as películas respetivas a cada tom, gravar os quadros serigráficos e limpar os mesmos depois de cada utilização. A serigrafia é composta por 7 camadas de cor, com variações de tons entre lilás e azul-escuro, em que cada camada corresponde a uma das formas que compõem a ilustração, incluindo os contornos a preto e pequenos detalhes a branco. Para produzir os vários tons da serigrafia, tive de misturar diferentes tintas e pigmentos. Na primeira cor (lilás mais claro) é misturado um pigmento base que torna a tinta menos opaca, de modo a ficar quase com a tonalidade do papel e não se notar ao sobrepor os outros tons mais escuros. Nos restantes tons de lilás, fui escurecendo a cor para cada camada seguinte, adaptando também a técnica utilizada nas películas às diferentes formas que compõem a ilustração. O azul-escuro foi a cor que criou maior destaque na serigrafia, produzindo uma textura sobre outros tons de lilás já impressos, sendo que os contornos a preto e os detalhes a branco foram as duas últimas cores que finalizaram a impressão. Para cada forma da ilustração foi utilizado um método de desenho diferente na preparação das películas, sendo que o primeiro tom foi separado e retocado no *photoshop* e as restantes camadas trabalhadas com a técnica de esponjado. Os contornos e os últimos pormenores foram desenhados com caneta preta

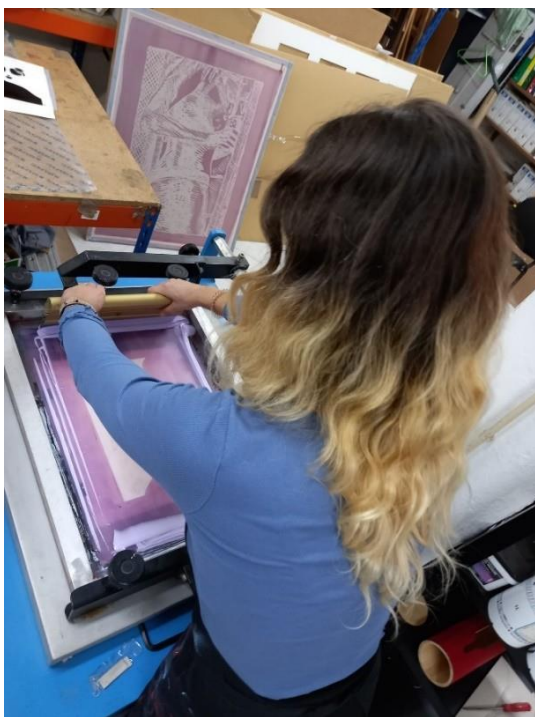


Figura 24. Imagem da esquerda: Impressão manual do projeto pessoal de serigrafia. Imagem da direita: Máquina manual de serigrafia.



Figura 25. Imagem da esquerda: Primeiro tom da serigrafia impresso em lilás claro. Imagem da direita: Assinatura e numeração da serigrafia.

Na impressão usei a máquina manual do atelier e um rodo pequeno para espalhar a tinta. A folha de registo é posicionada na mesa com a ajuda dos batentes e fita cola, para fazer os acertos na marcação do local exato onde são colocadas as folhas a serem impressas. Após a preparação da máquina, são realizadas as primeiras provas para testar a qualidade da imagem e finalmente passar para a impressão de uma tiragem de 20 exemplares. Este processo é repetido para cada tom, sendo que é essencial tirar sempre algumas provas de teste e garantir que as formas encaixam de forma harmoniosa, seguindo a composição do desenho original. Depois de secas, as 20 folhas são devidamente numeradas e assinadas. Algumas das provas ficaram com pequenos erros, o que em certos casos destacou o carácter plástico da ilustração, tornando-o mais visualmente interessante. O que destaca a serigrafia como singular é que, mesmo existindo harmonia e rigor na impressão, todas as imagens conseguidas têm diferenças que transformam cada exemplar num desenho único e expressivo, assumindo o erro como processo criativo.



Figura 26. Serigrafia manual realizada durante o estágio.

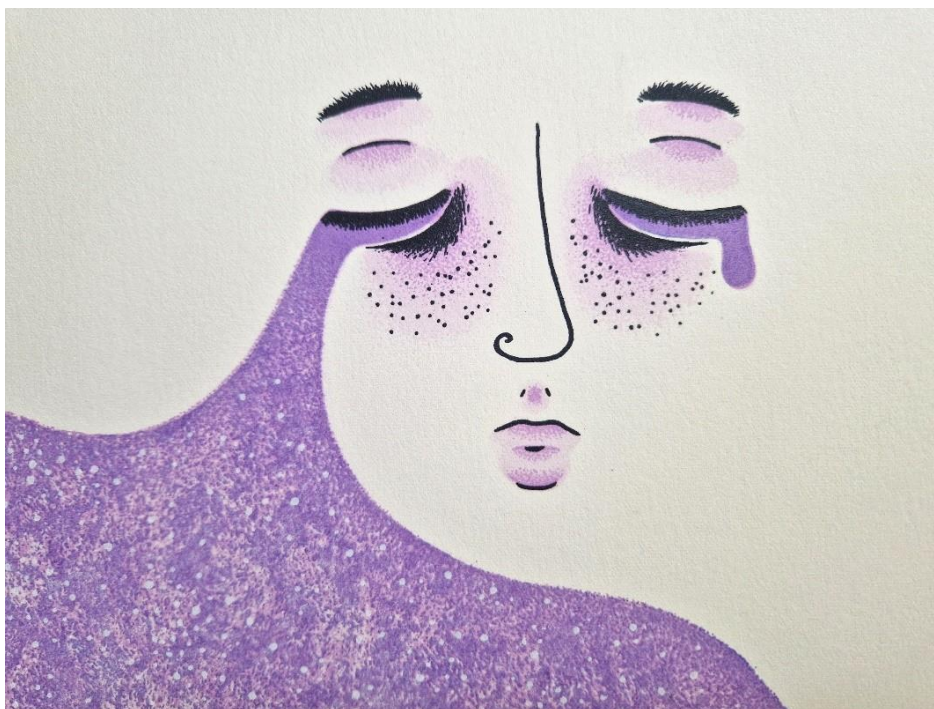


Figura 27. Pormenor da serigrafia manual.

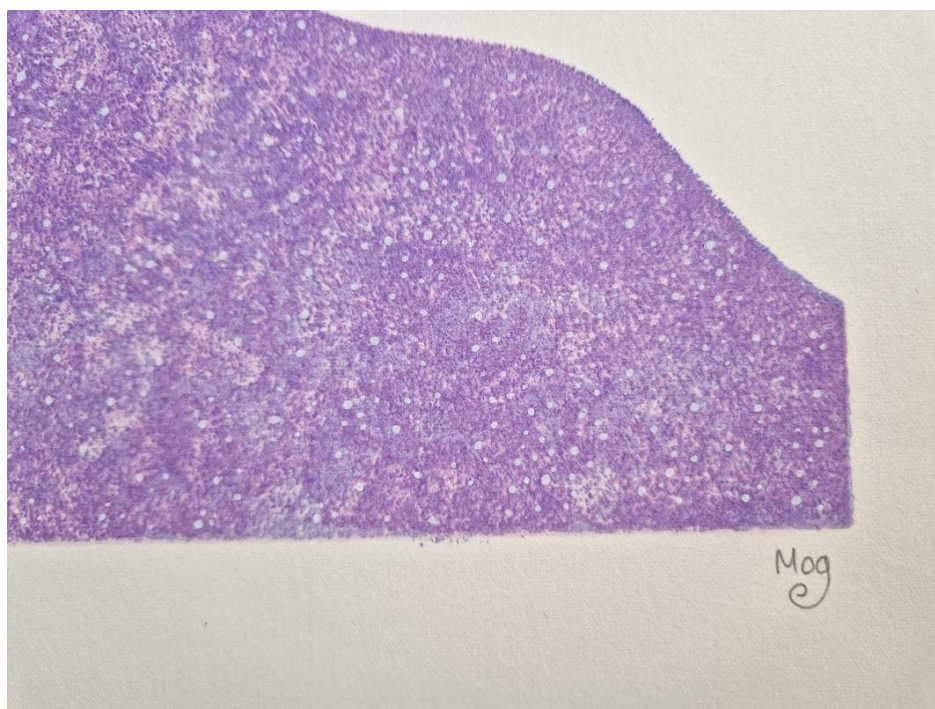


Figura 28. Pormenor da serigrafia manual e assinatura.

3.3 EXERCÍCIO EXPERIMENTAL - CRIAÇÃO DE UMA GRAVURA

O CPS tem o privilégio de ter a colaboração do mestre Humberto Marçal como coordenador do atelier de gravura e litografia, sendo, desde os anos 1950, um dos especialistas em Portugal nestas técnicas já quase extintas. Marçal tornou-se uma personalidade importante na transmissão de conhecimento e interesse por estas técnicas de impressão às novas gerações de artistas, os quais procuram a sua experiência, sabedoria e reconhecimento profissional na realização dos seus projetos de gravura e litografia (Marques da Gama Vieira, 2016). O seu trabalho transmite uma ligação entre a natureza e o cosmos, representada pelas formas orgânicas que manifestam um carácter poético, sonhador e algo misterioso, através de uma simbiose entre a pintura e a gravura (Arte, 2020).

No que toca a gravura, a impressão pode ser feita em relevo, como é o caso da xilogravura e o linóleo, ou em profundidade, como a técnica de água-forte, água-tinta ou ponta seca, sendo as últimas as mais comuns no CPS. O processo de impressão das técnicas em profundidade é através de uma chapa de metal anteriormente trabalhada pelo artista e respetivamente tintada, que reproduz o desenho a partir das linhas gravadas na chapa ao ser pressionada sobre o papel humedecido. No que toca os acabamentos, o relevo que se forma sobre o papel é uma particularidade que destaca e enriquece a gravura (Prates, J. 2001).

Neste exercício de gravura, tive a oportunidade de criar uma ilustração e experimentar as técnicas de água-forte, água-tinta e mordedura profunda. Ao longo do exercício, fui orientada pelo mestre Marçal e pelos técnicos auxiliares Pedro Marçal e Joana Geraldês, os quais me acompanharam em cada fase de todo o processo. Como primeiro passo do exercício, tive de limpar e polir muito bem a chapa de zinco, pois qualquer sujidade pode comprometer a gravação. Inicialmente experimentei a técnica de água-forte, em que utilizei uma ponta seca sobre a chapa coberta por betume, abrindo apenas as linhas do desenho.



Figura 29. Preparação da chapa de zinco para o exercício de gravura.

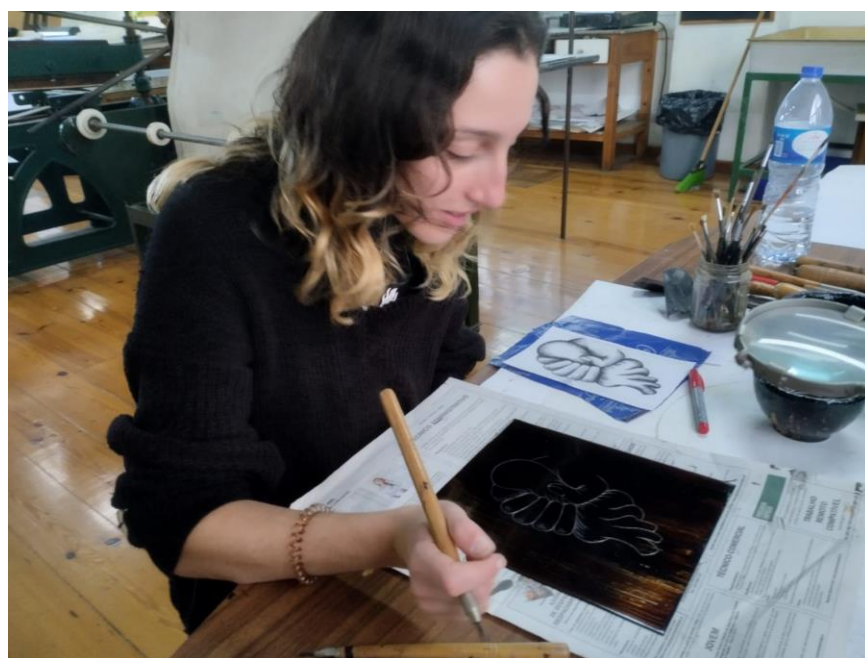


Figura 30. Desenho em água-forte para o exercício de gravura.

De seguida, apliquei a técnica de água-tinta para trabalhar a macha da gravura. Protegi desta vez o fundo da imagem com betume e mergulhei a chapa numa solução de água e ácido, que atua sobre o metal apenas nas zonas do desenho que não estão protegidas e, ao colocar a tinta, criar uma

mancha homogénea no papel. Neste processo, é importante cronometrar o tempo que a chapa fica submersa na solução ácida, sendo que isto vai alterar a opacidade e o tom da mancha conseguida. Depois de tirar as primeiras provas desta técnica, tive de utilizar uma lixa de água para abrir as zonas de luz que não ficaram tão bem evidenciadas na gravação. Por fim, experimentei a técnica de mordedura profunda, utilizada para criar uma textura no fundo da imagem. Para este efeito, tive também de proteger a chapa com betume na zona do desenho, a qual é polvilhada com resina nas zonas desprotegidas e submersa novamente na solução ácida, que, através da resina, corrói o metal criando uma textura no fundo da ilustração. Após cada alteração na chapa, esta é tintada e colocada numa prensa em rolo, gravando o desenho sobre o papel humedecido. Ao longo do exercício, foram impressas algumas provas em diversas cores, não só para comparar as diferentes características destas várias técnicas de gravura, mas também identificar certos erros e fazer as alterações necessárias para a prova final. Entre cada impressão, a chapa, as bancadas e todos os utensílios usados devem ser devidamente limpos com diluente ou petróleo, de forma a poderem ser reutilizados em futuras edições.



Figura 31. Impressão da gravura em água-tinta.

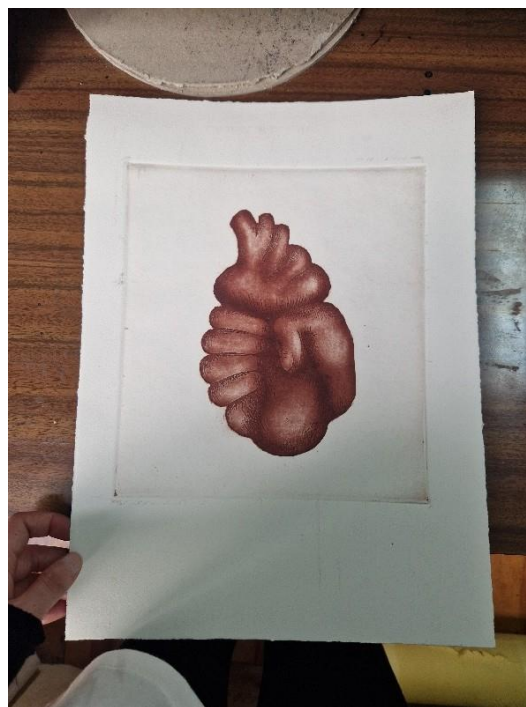
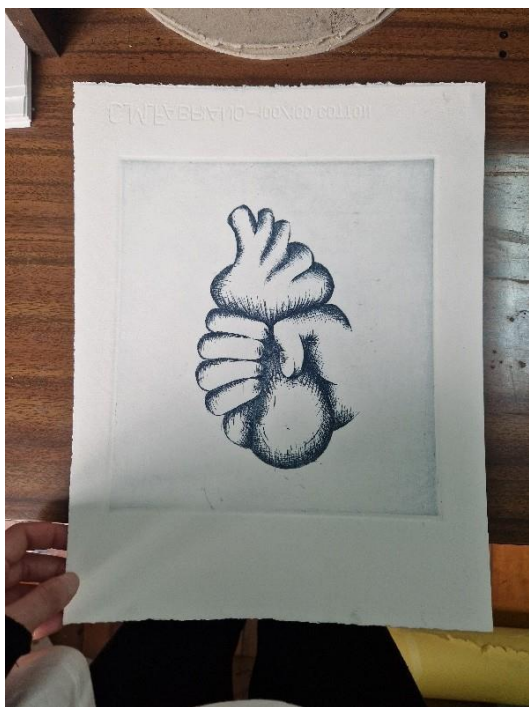


Figura 32. Imagem da esquerda: Experiência a água-forte. Imagem da direita: Experiência a água-tinta.



Figura 33. Imagem da esquerda: Caixa onde é feito o processo da resina, para a experiência de mordedura profunda. Imagem da direita: Chapa depois do processo de mordedura profunda.

3.4 EXERCÍCIO EXPERIMENTAL - MODELAÇÃO E IMPRESSÃO 3D

Um dos exercícios que me foi proposto durante o estágio, foi a experimentação da modelação e impressão 3D. Inicialmente, a ideia era introduzir a impressão 3D no atelier do CPS, com o objetivo de criar objetos 3D no âmbito de algumas serigrafias e gravuras como pequenos relevos, ou adaptá-los nas obras consoante a ideia e orientações do artista. Outro propósito do CPS seria utilizar a impressão 3D como meio para introduzir a escultura no atelier, em eventuais projetos de artistas interessados a desenvolver ideias neste contexto da modelação digital. No entanto, ao longo dos meses de estágio, não surgiu a oportunidade de trabalhar em nenhum projeto neste sentido, sendo que apenas me dediquei a estudar alguns aspetos básicos da modelação 3D e a aprender a utilizar a máquina de impressão. Foi-me facultada uma impressora da marca *Formlabs*, a qual opera através de resina que pode variar nas suas especificidades e cores consoante o objeto a ser criado. O CPS escolheu a marca *Formlabs*, devido à qualidade superior nos acabamentos da impressão em resina, em comparação com a impressão em filamento de plástico. Como trabalho experimental, aprendi a modelar através do programa *Blender*, seguindo o tutorial *Blender Beginner Tutorial* de Andrew Price, criador e CEO da empresa *Poliigon*. O tutorial está dividido em várias partes, em que cada vídeo corresponde a uma das várias etapas para aprender a modelar a forma de um *donut*, que posteriormente imprimi em resina utilizando duas cores diferentes.

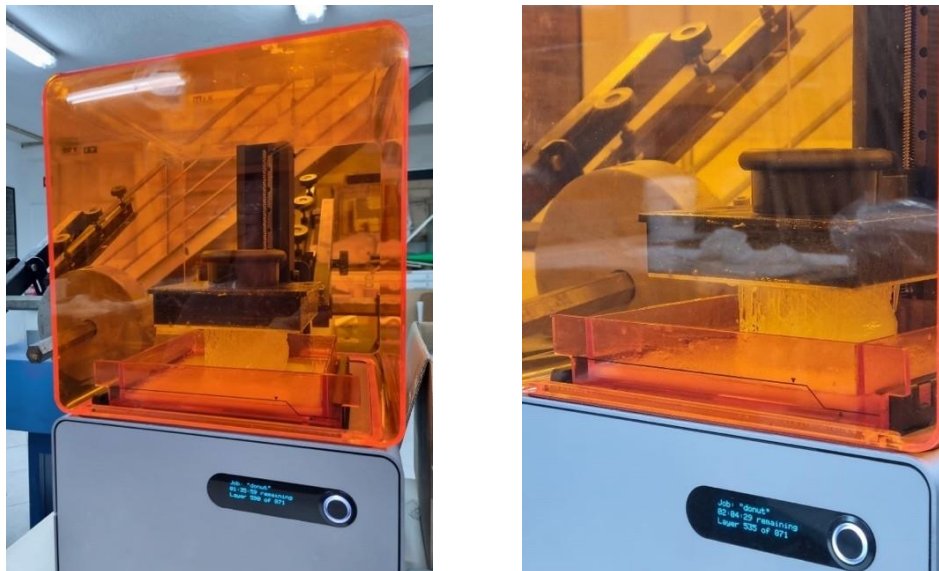


Figura 34. Impressora Formlabs durante a impressão do donut em resina branca.



Figura 35. Imagem da esquerda: Donut em resina branca. Imagem da direita: Donut em resina azul.

NOTAS CONCLUSIVAS

Como mencionado ao longo deste relatório relativo ao estágio curricular desenvolvido no Centro Português de Serigrafia, no âmbito do mestrado em Design e Cultura Visual, pude ter um contacto privilegiado com a produção e reprodução gráfica de artistas portugueses contemporâneos. O desenvolvimento dos materiais e máquinas de impressão dotaram a serigrafia com novas possibilidades experimentais e plásticas. Atualmente, não é considerada apenas como uma técnica de impressão, mas como um processo artístico e uma nova forma de fazer arte. No atelier do CPS, os artistas, com o apoio de técnicos especializados e muito experientes, desenvolvem processos de trabalho bastantes originais, nomeadamente através da serigrafia. Um dos programas mais entusiasmantes do CPS é a “serigrafia intervencionada”, que consiste no convite a artistas para intervir diretamente na serigrafia, criando uma série em que cada obra é individualizada. Foi ao observar a abordagem dos artistas portugueses Francisco Vidal e de Pedro Calapez que aprendi diferentes processos criativos que adaptam a linguagem do artista ao contexto da “serigrafia intervencionada” e de que forma este estuda e desenvolve o seu trabalho no espaço do atelier.

Para além de aprender mais sobre o desenvolvimento criativo no atelier e de ter testemunhado o processo criativo de Francisco Vidal e Pedro Calapez, tive também a oportunidade de observar todo o processo técnico necessário na produção da obra gráfica de vários outros artistas, sendo este o principal foco do Centro Português de Serigrafia. No capítulo 3 faço uma breve reflexão sobre a experiência que tive ao longo do estágio, onde aprendi como se desenvolve o processo da serigrafia, desde a preparação das matrizes, destacando as ferramentas principais utilizadas, tais como o *Photoshop* ou a aplicação de técnicas manuais, à fase de impressão e últimos ajustes necessários antes de finalizar cada edição. Neste contexto, pude realizar uma serigrafia da minha autoria, onde apliquei os conhecimentos adquiridos e, por minha iniciativa, foi-me concedida a oportunidade de experimentar o atelier de gravura, onde tive o privilégio de ser orientada pelo mestre Marçal. Foi-me também proposto o desafio de introduzir a impressão 3D no atelier, aprendendo a trabalhar com uma impressora da marca *Formlabs* e também alguns aspetos básicos de modelação 3D através do programa *Blender*. Com estas aprendizagens, compreendi de que forma o Centro Português de Serigrafia contribui para o desenvolvimento da serigrafia, não só como técnica de impressão, mas como técnica artística,

numa perspectiva mais plástica e experimental.

É desta forma, creio, que o CPS se distingue dos outros ateliers e oficinas onde também se produzem serigrafias de artistas e ilustradores contemporâneos, dos quais o trabalho circula em feiras gráficas independentes, tal como referi no capítulo 2. Acompanhando as várias linguagens de cada artista, a serigrafia é a técnica que melhor se adapta aos conceitos e formas visuais que resultam destas manifestações criativas. No capítulo 1 explico também que a Pop Arte é dos movimentos artísticos que mais usufruiu desta técnica de impressão como processo criativo, a qual se adaptou facilmente às suas características visuais e conceptuais. No início dos anos 1960 dá-se o maior desenvolvimento da serigrafia, a qual ganha mais popularidade e prestígio, influenciando muito as vanguardas artísticas. Sendo uma das técnicas mais fáceis de conjugar com outros processos criativos, as mensagens são transmitidas de formas inovadoras a um público diversificado, trazendo também novas abordagens aos movimentos artísticos contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida D'Eça, L. (2018). *Dar Cor ao Tempo*. Agenda Cultural de Lisboa.

Agenda Cultural de Lisboa (2021) *Raia - Tráfico de Edições*

URL: <https://www.agendalx.pt/events/event/raia-traffic-de-edicoes/>. Acedido a 12 de maio, 2023.

Black Sheep (n.d.) *Desisto: Aqui Criam-se Identidades*

URL: <https://blacksheep.pt/desisto-aqui-criam-se-identidades/>. Acedido a 10 de maio, 2023.

CCB (n.d.) *Centro Português de Serigrafia*

URL: <https://www.ccb.pt/visitar/centro-portugues-de-serigrafia/>. Acedido a 31 de maio, 2023.

CPS (n.d.). *Sobre o CPS*

URL: <https://www.cps.pt/pt/sobre/cps/>. Acedido a 5 de novembro de 2022.

———. (n.d.) *Fundação António Prates*

URL: <https://www.cps.pt/pt/sobre/fundacao>. Acedido a 5 de novembro, 2022.

———. (n.d.) *Marcos Breve História*

URL: <https://www.cps.pt/pt/sobre/milestones/>. Acedido a 5 de novembro, 2022.

———. (n.d.) *António Prates*

URL: <https://www.cps.pt/pt/artistas/antonio-prates>. Acedido a 12 de dezembro, 2022.

———. (n.d.) *Atelier CPS*

URL: <https://www.cps.pt/pt/sobre/atelier/>. Acedido a 12 de dezembro, 2022.

———. (n.d.) *Técnicas de Obra Gráfica Original*

URL: <https://www.cps.pt/pt/tecnicas/>. Acedido a 12 de dezembro, 2022.

———. (n.d.) *Normas e Procedimentos*

URL: <https://www.cps.pt/pt/normas/>. Acedido a 12 de dezembro, 2022.

———. (n.d.) *Francisco Vidal*

URL: <https://www.cps.pt/pt/artistas/francisco-vidal>. Acedido a 8 de maio, 2023.

———. (n.d.) *Pedro Calapez*

URL: <https://www.cps.pt/pt/artistas/pedro-calapez>. Acedido a 8 de maio, 2023.

- . (n.d.) *Revista CPS Arte Verão 2022*
URL: <https://www.cps.pt/pt/noticias/2022/06/24/revista-cps-arte-verao-2022/>. Acedido a 17 de maio, 2023.
- . (n.d.) *Still Free 44*
URL: <https://www.cps.pt/pt/exposicoes/2022/05/03/still-free-44/>. Acedido a 23 de maio, 2023.
- . (n.d.) *Papier Vivant*
URL: <https://www.cps.pt/pt/exposicoes/2017/05/18/papier-vivant/>. Acedido a 31 de maio, 2023.
- . (n.d.) *1/81, 30 Anos CPS, Museu do Côa*
URL: <https://www.cps.pt/pt/exposicoes/2015/05/30/181-30-anos-cps-museu-do-coa/>. Acedido a 31 de maio, 2023.
- . (n.d.) *Artistas*
URL: <https://www.cps.pt/pt/artistas/>. Acedido a 31 de maio, 2023.
- . (n.d.) *Loja*
URL: <https://www.cps.pt/pt/loja/>. Acedido a 31 de maio, 2023.
- Desisto (n.d.) *About Us*
URL: <https://desisto.pt/aboutus/>. Acedido a 10 de maio, 2023.
- Dias da Silva, R. (2020) *Centro Português de Serigrafia festeja 35.º aniversário com exposição. Time Out*.
- Félix Mink, J. (2016) *La Serigrafia Artística en Portugal*. Facultad de Bellas Artes de Universidad Complutense de Madrid.
- Figueiredo Costa, S. (2021) *Raia: uma feira para traficar livros, fanzines e outros objetos. Blimunda*.
- Galeria Municipal do Porto (n.d.) *Oficina Mescla*
URL: <https://www.galeriamunicipaldoporto.pt/pt/noticias/20220912-oficina-mescla/>. Acedido a 12 de maio, 2023.
- Homem do Saco (n.d.) *Contactos*
URL: <https://ohomemdosaco.com/contactos>. Acedido a 9 de maio, 2023.
- Lavandaria (n.d.) *The Studio*
URL: <https://shop.lavandaria.net/the-studio>. Acedido a 9 de maio, 2023.

- Loureiro Trindade, D. (2016) *O Acaso Controlado*. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
- Marques da Gama Vieira, M. (2016) *Uma reflexão sobre a serigrafia dos anos 70 a partir da Coleção do CAM*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Mendes, A. (2021) “*Imitação da Existência*”: *Manicómio e Centro Português de Serigrafia apresentam exposição de arte bruta nacional*. Gerador.
- Museu do Porto (n.d.) *A Feira do Livro convida a Feira da Alegria*
URL: <https://museudoporto.pt/recurso/feira-da-alegria/>. Acedido a 14 de maio, 2023.
- Oficina do Cego (n.d.) *Sobre a Oficina do Cego*
URL: <https://www.oficinadocego.pt/oficina/historia/>. Acedido a 10 de maio, 2023.
- Oficina Arara (n.d.) *Info*
URL: <https://oficina-arara.pt/info/>. Acedido a 11 de maio, 2023.
- Oficina Mescla (n.d.) *Sobre Nós*
URL: <https://oficinamescla.com/sobre-nos/>. Acedido a 12 de maio, 2023.
- Pestana da Silva, S. (2013) *A Serigrafia como uma Ferramenta do Design de Comunicação*. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.
- Prates, A. (1994) *Como se Faz uma Serigrafia* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1994) *O Privilégio de ser sócio do CPS* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1994) *Júlio Pomar – 4 Tigres. Uma Edição Excepcional* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1994) *Especial Natal para os Nossos Sócios: Gracinda Candeias* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1995) *Obra Maior da Cultura Portuguesa “Os Lusíadas de Luís de Camões”* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1996) *Arte e o Livro. Coleção de Livro de Artista* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1996) *Edições Arte e Poesia* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.

- . (1996) *Mês Cultural Português na África do Sul* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1996) *Estampa em Madrid* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1996) *As Edições do CPS. Obra Gráfica Original* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (1998) *VI Bienal de Gravura da Amadora* in *Galeria de Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- Prates, J. (2001) *Serigrafia Gravura Litografia*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2006) *CPS comemorou 20 anos. Exposição Impressões Múltiplas no Museu da Água* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2007) *Harold Cohen o Rembrandt da Bio Arte* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2007) *Ken Rinaldo uma Natureza Virtual* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2008) *Dalí Inaugura Nova Galeria CPS no CCB* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2008) *Cor* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2015) *FIG Bilbao. CPS na Capital Europeia da Arte Gravada* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2015) *Protocolos. Edições CPS passam a constar do acervo da Biblioteca Nacional* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2018) *A Melancolia das Palavras. Saramago 20 Anos Prémio Nobel* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2019) *Diário não Diário. Um inédito e extraordinário testemunho do mestre do Surrealismo* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2019) *Cruzeiro Seixas. Um cofre de imagens secretas a assinalar os seus 99 anos* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2019) *Cruzeiro Seixas. 98º Aniversário e “Diário não Diário” apresentado na Biblioteca Nacional* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2019) *CPS na Feira do Livro. Mais espaço para a cultura* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2020) *Marçal. Uma vocação solar* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.
- . (2021) *O Fascínio e Presença da Arte Outsider* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.

———. (2022) *Freeze Frame. Mostra: 20 Anos, 20 Realizadores* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.

———. (2022) *Álbum de Arte “Mulheres Saramaguianas”* in *Arte*. Centro Português de Serigrafia.

Rede Artes e Ofícios (n.d.) *O Homem do Saco*

URL: https://www.redearteseoficios.pt/oficinas/o-homem-do-saco_100. Acedido a 9 de maio, 2023.

———. (n.d.) *Lavandaria*

URL: https://www.redearteseoficios.pt/oficinas/lavandaria_86. Acedido a 9 de maio, 2023.

———. (n.d.) *Desisto*

URL: https://www.redearteseoficios.pt/pt/oficinas/desisto_42. Acedido a 10 de maio, 2023.

Seguro, J. (2018) *Oficina Arara*. Contemporânea.

Time Out (n.d.) *Feira da Alegria*

URL: <https://www.timeout.pt/porto/pt/coisas-para-fazer/feira-da-alegria>. Acedido a 14 de maio, 2023.